

Ana Clara Sousa Damásio dos Santos

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Sociais

Departamento de Antropologia

Entre tempos, espaços e relações

Uma etnografia sobre o envelhecimento e o envelheceres na  
Guariroba, Ceilândia (DF)

Orientadora: Soraya Resende Fleischer

Brasília, dezembro de 2016

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Sociais

Departamento de Antropologia

Entre tempos, espaços e relações: uma etnografia sobre o  
envelhecimento e o envelheceres na Guariroba, Ceilândia (DF)

Ana Clara Sousa Damásio dos Santos

Profa. Dra. Soraya Fleischer - Presidente da banca.  
Departamento de Antropologia, Universidade de  
Brasília.

Profa. Dra. Rosamaria Giatti Carneiro. Membro da  
banca. Departamento de Saúde Coletiva,  
Universidade de Brasília.

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Oxum por guiar toda essa trajetória.

À todas minhas interlocutoras. Vocês foram mulheres de muita força, coragem e valentia.

À minha querida e amada mãe. Obrigada por todas as manhãs inundar a casa com o cheiro de café. Esse aroma sempre me lembrará sua força, doçura e conforto.

Ao meu pai por proporcionar as melhores risadas, os ótimos aprendizados e ser mais que um pai, ser também um grande irmão e amigo.

À Iyaromi. Essa monografia e diversos outros aprendizados que levarei para a vida não seriam possíveis sem você.

À Giovanna, Iago, Renzo, Neto, Túlio e muitas outras colegas e amigas que passaram e apoiaram essa trajetória. Vocês fizeram a vida mais amável, leve e descontraída. Obrigada pelos bares, boas conversas, conselhos, empolgação e amizade.

À todas e todos pesquisadores e pesquisadoras que previamente autorizaram a leitura e uso dos diários de campo. Vocês foram gratas companhias!

Ao grupo de orientação composto por Rosana Castro, Natália Silveira, Natália Almeida, Cíntia Engel, Gabriela Marques, Ângelo Daré e Raquel Lustosa. Obrigada pelos conselhos, sugestões e caminhos.

À professora e doutora Rosamaria Giatti Carneiro por aceitar participar dessa banca.

À todas minhas professoras da creche Santa Ana, do Ensino fundamental e Ensino médio. Em especial a professora de sociologia Flávia Felipe. A sua comemoração com o resultado do meu vestibular em Ciências Sociais na frente do professor de física ficou entre as memórias que muito me fazem sorrir. Sua empolgação me incentivou a continuar.

Ao professor Daniel Schroeter Simião, Luiz Eduardo de Lacerda Abreu, Andréa Lobo e Juliana Braz Dias. Obrigada pelo aprendizado e diálogo!

À professora Mariza Veloso Motta Santos por Introdução à Sociologia. Você estava certa, depois de quatro anos vivenciando as Ciências Sociais nunca mais seríamos as mesmas. À todas funcionárias do Departamento de Antropologia e da Universidade de Brasília.

À Mariza Peirano, Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss por me mostrarem que há beleza na Antropologia.

À minha querida orientadora. Como sabiamente colocou Mariza Peirano “Não é apenas nas lembranças que um orientador continua presente na trajetória dos seus exalunos; é na nossa própria visão da antropologia que os orientadores, às vezes, se escondem” (2008. p.570). Obrigada por todo aprendizado, conversa e troca. Você me ensinou que é possível.

## Resumo

Essa monografia tem o intuito de discutir o envelhecer não enquanto categoria que perpassa apenas uma etapa da existência de um ser, mas como processo de existência que perpassa corpos, coisas, tempos, espaços e relações. Nesse sentido, o envelhecer aqui é tratado como ação. O texto gira em torno de três eixos norteadores: tempo, espaço e relações. O foco da análise etnográfica sobre os dados primários e secundários recaiu principalmente sobre as mulheres que chegaram ao Planalto Central ainda jovens e que nesse novo espaço e tempo construíram famílias, afetos e relações. O texto é dividido em três capítulos; tento elucidar um processo de migração através dos espaços pelos quais essas mulheres transitaram; em seguida dialogo com duas histórias para circunscrever o envelhecimento e o envelhecer; e por fim, dialogo com dois espaços para entender as relações que os corpos em envelhecimento estabelecem nos mesmos e como esses espaços são agentes e criadores de relações.

Palavras chaves: Envelhecer, Ceilândia/ DF, Espaço, Tempo, Antropologia da Saúde.

## Sumário

Capítulo Um.....	p.8
Sonho.....	p.8
Campos.....	p.9
Caminhos.....	p.17
Envelhecer.....	p.23
Capítulo Dois.....	p.32
Donas.....	p.32
Dona Marília.....	p.36
Dona Josefa.....	p.42
Capítulo Três.....	p.54
Espaço.....	p.54
Sala de Aula.....	p.54
Casa.....	p.59
Forró.....	p.63
Conclusão.....	p.69
Epílogo.....	p.72
Referência Bibliográfica.....	p.73

## Das Pedras

Ajuntei todas as pedras  
Que vieram sobre mim  
Levantei uma escada muito alta  
E no alto subi  
Teci um tapete floreado  
E no sonho me perdi  
Uma estrada,  
Um leito,  
Uma casa,  
Um companheiro,  
Tudo de pedra  
Entre pedras  
Cresceu a minha poesia  
Minha vida...  
Quebrando pedras  
E plantando flores  
Entre pedras que me esmagavam  
Levantei a pedra rude dos meus versos.

Cora Coralina

## Capítulo Um

### Sonho

Em maio desse ano, em uma das minhas muitas voltas para casa de ônibus, uma senhora por volta dos 80 anos deu sinal e pediu para que o motorista parasse na próxima parada. Ela segurou sua bengala, esperou o ônibus parar, começou a levantar e a dar os primeiros passos para descer. Um passo, outro passo, apoiou a mão em um corrimão, outro passo, mais um e desceu. Seu corpo percorria o espaço em uma temporalidade diferente das pessoas que ali estavam.

O motorista seguiu viagem. De forma impaciente um senhor por volta dos quarenta anos sentado ao meu lado no assento retrucou, “mas que demora pra descer, tinha que ser um velho”. Um velho! Tinha que ser! Mais um! Era abril eu já havia percorrido considerável material sobre o envelhecimento. Aquela cena no ônibus e o comentário daquele senhor ressoaram na minha cabeça por muito tempo. Chegando em casa por volta das dez horas deitei para mais uma noite de descanso.

Eu me encontrava em uma realidade escura onde um holofote pairava sobre minha cabeça. A luz estava sob meu corpo e eu mal enxergava ao redor. Eu dava um passo e uma voz soava ao fundo. Velha! Eu virava em direção a voz e dava outro passo. Velha! Uma outra voz dizia. Nesse momento minha consciência mudou de perspectiva e olhei para um corpo dando aqueles passos. Eu estava com 80 anos de idade. O corpo tinha oitenta anos, minha consciência tinha 21. Dentro daquele corpo existia a juventude e a velhice em plena consonância. O corpo falou: "Eu não sou velha!" em meu sonho...

A reflexão sobre o episódio do ônibus e do sonho me ajudaram a perceber o quão imersa eu estava nos dados que estava lendo. Estava tentando entender o impacto do envelhecimento no corpo e na vida. Após percorrer os diários de campo e no fim da escrita da monografia, a negação do corpo não fazia mais sentido. Aquele corpo no sonho tinha o aspecto de “velho”, mas sob a perspectiva de outras vozes. Sob o olhar de outras



peessoas. O que o sonho apresentava para mim era um ser complexo onde diferentes temporalidades e pessoas eram capazes de existir.

Essas respostas e reflexões só são hoje possíveis porque não ignorei o episódio do ônibus e do sonho. Se por um lado, os dados empíricos e a teoria me ajudaram a complexificar o envelhecimento, os episódios diários também o fizeram. Como colocou Monica Dias (2007), em sua pesquisa que tentava compreender a identidade e religiosidade negra em terreiros de umbanda

As produções literárias que visam mostrar os bastidores das pesquisas servem como barômetro para aquelas que ainda estão em curso, demonstram que inseguranças, incertezas, medos e todas as crises possíveis cabem no universo acadêmico e não são incompatíveis com o profissionalismo. De que valeria Malinowski revelar o que sentia na presença de seus pesquisados? Sua obra não se eternizaria por esse motivo. Isso não significa dizer que o que observamos e sentimos, relacionados ao que somos e a nossas experiências mais profundas, não apareça em nossos trabalhos; ao contrário, quando escolhemos, revelamos nas entrelinhas, na escolha de um terreiro que é considerado “puro”, onde o mal não é praticado, por exemplo, em detrimento de outro denominado “traçado”, que quer dizer fazer o bem e o mal, se necessário, nossas escolhas não são “neutras” e muito menos nossa narrativa (Dias, 2007, p.90).

As escolhas aqui feitas perpassam esse filtro de múltiplas vivências, de muitas angústias, surpresas e sensações. Esse texto não foi constituído apenas pelo campo físico de quatro meses, mas também pelo auxílio da teoria, por diários de campo de outras pesquisadoras, por episódios diários e por sonhos.

Campos

Inicialmente, em 2014, o meu interesse enquanto estudante de antropologia e bolsista do projeto de iniciação científica<sup>1</sup> residia em compreender as representações acerca da relação entre pressão alta e nervoso no bairro da Guariroba/Ceilândia. Foram quatro meses de pesquisa de campo onde tive o privilégio de conhecer um bairro que à primeira vista era composto de casas com grades, ruas asfaltadas e antenas que povoavam os telhados. Com o passar do tempo e solas gastas pude ouvir grandes histórias, conhecer diferentes famílias, entrar em diversas casas e constatei que a heterogeneidade era o que definia aquele bairro assim como as formas de envelhecimento. As grades dos portões eram guardiãs de algumas casas com jardins que traziam diferentes cores, formas, aromas, pessoas e histórias. A mudança no olhar é composta principalmente pelo tempo, convivências, pela marcante diferença entre observar e olhar (Velho, 1978). Estar em um espaço fisicamente, não significa que estamos efetivamente observando as práticas sociais, normas e regras que estão presentes no mesmo. Assim, foi através dessa aproximação e distanciamento de perspectiva que foi possível conhecer a Guariroba.

Neste ano de 2014, as idas a campo eram sempre acompanhadas pelo grupo de pesquisa, com cada integrante interessada no seu tema de pesquisa. A companhia da Soraya Fleischer, Fabiana Oliveira, Mayara Albuquerque e Paulo Coutinho instigava e apoiava. Outro companheiro inseparável foi o caderno de campo. Durante as conversas e entrevistas a diferentes pessoas a respeito de como viviam e cuidavam da pressão alta, eu apresentava o meu intento à interlocutora, pedia permissão para sentar, conversar e consentimento para anotar. Era sempre um emaranhado de anotações que refrescavam a memória no momento em que eu chegava em casa, ligava o computador e escrevia/compunha meu diário de campo. O caderno físico sempre foi um auxiliar para o que ficaria digitalmente registrado.

A memória em campo foi melhorando com o passar do tempo, aprendi a conter a ansiedade de falar muito e passei a ouvir mais. Os diários de campo que eu inicialmente produzia eram editados e compartilhados com o grupo de pesquisa. Havia um pacto entre as integrantes de que os diários de campo editados poderiam ser utilizados pelas colegas do grupo que também realizaram pesquisa na Guariroba sob a supervisão da professora e

---

<sup>1</sup> O título do projeto era “Uma etnografia sobre pessoas que convivem com “problemas de pressão” na Guariroba/DF. A pesquisa teve duração de quatro meses no ano de 2014.

pesquisadora Soraya Fleischer, desde que indicado a devida autoria. Foi um processo de produção coletiva onde nos inteirávamos do campo das colegas, colocávamos questões e fazíamos observações. O conhecimento construído coletivamente ajudava a assentar ideias, aguçar novas e fazer o aprendizado antropológico menos solitário.

A minha primeira visita à Guariroba foi marcada por uma manhã de agosto em 2014. Saí cedo de casa, andei até uma parada de ônibus próxima, peguei um ônibus que iria para o centro da Ceilândia. Lá, eu peguei o metrô, desci e fiz uma rápida caminhada de cinco minutos até o centro de saúde. Essa foi a primeira de muitas visitas que eu faria àquele espaço. A cada ida, eu ia conhecendo os nomes das funcionárias, rotina e local que a época eu iria ocupar. Começaram a lembrar meu nome, cumprimentar, fazer brincadeiras, me oferecer um cafezinho. Aos poucos eu ia explicando o que ali estava fazendo enquanto estudante de antropologia. Ao mesmo tempo, as pessoas iam tentando me localizar e compreender meu intuito naquele espaço. Após conhecer algumas pessoas no corredor de espera, no consultório, na sala de acolhimento, ia às residências pedir permissão para dialogar mais um pouco acerca da pressão. Algumas negativas vieram, assim como diálogos e narrativas fantásticas. O movimento de ir às casas foi semelhante ao do centro de saúde. Já que conheci os melhores horários para visitar, os melhores dias da semana e a melhor forma de abordar as pessoas. Passei do corredor ao consultório, do consultório à sala de acolhimento, da sala de acolhimento às casas.

Findado o projeto de iniciação científica, eis que surgiu o momento de escolher um tema com o qual dialogar na monografia. Dentre alguns temas propostos pela professora Soraya Fleischer, o envelhecimento surgiu com mais força. As pesquisas realizadas e organizadas anteriormente tinham como foco senhoras e senhores com mais de 60 anos.<sup>2</sup> Nenhuma integrante dos outros grupos de pesquisa havia pesquisado o envelhecimento, mas o tema permeava esses seis anos de pesquisa sem receber a atenção devida, sendo um tema autônomo a ser pesquisado. Era sempre um tema que rondava os diários de campo produzidos por esses grupos. Lembro-me que através da leitura da monografia da

---

<sup>2</sup> Algumas dessas pesquisas resultaram em monografias como a Paulo Roberto Rabelo Coutinho: “Uma etnografia sobre as percepções dos profissionais da saúde a respeito dos problemas de pressão na atenção básica da Guariroba (Ceilândia/DF)”, “Mayara Bernardo Albuquerque: Dieta e problema de pressão - O convívio com uma doença de longa duração na Guariroba, Ceilândia/DF” e Jéssica Monique Batista: “Cabeça ruim, morrência do braço e perna esquecida: Convivendo e cuidando do derrame na Guariroba, Ceilândia/DF”.

Monique Batista (2014), que buscou retratar as representações tanto das pessoas que foram acometidas pelo AVC (Acidente Vascular Cerebral), como das pessoas responsáveis pelo cuidado, o envelhecimento despertava meu interesse. A experiência vivida naqueles quatro meses de 2014 viraria um desdobramento de outra natureza.

Depois de minhas andanças pelo bairro da Guariroba, meu novo campo de pesquisa era em frente ao computador. Encontrei vozes que falavam sobre diversos temas. Passei a ser rodeada por diferentes olhares, sentimentos, lembranças e descrições. Passei a olhar pela lente de pessoas que, assim como eu, buscaram escutar as vozes das pessoas daquele bairro. Esse passeio se deu pela barraquinha do lanche que se encontrava em frente ao centro de saúde, no corredor de espera, no consultório, na sala de acolhimento, no arquivo, na cadeira de balanço em frente a uma das casas, na sala de estar, na cozinha, no forró, na igreja, na padaria, no grupo de ginástica. Foram encontros onde falava-se de tudo um pouco. O assunto poderia ser o nascimento de um bebê, a morte de um filho, a diabetes, a pressão, o AVC, o cuidado, a comida, o médico, a horta, a saúde, a doença, dentre outros. Transitei por um universo vasto, graças ao privilégio de enxergar através dos olhos dessas outras pesquisadoras e de centenas de interlocutoras. A diferença desse campo é que muitas vezes eu não conhecia a pessoa que tinha escrito aquele diário de campo, diferentemente da fisicalidade experimentada em 2014. Agora, a maioria das pessoas - etnógrafas e interlocutoras - conheceria apenas através dos diários de campo.

Os tomos, como eram chamados os conjuntos de diários de campo produzidos por um grupo de pesquisadoras em um determinado período, iam de 2009 a 2014. Eram oito tomos, num total de 1755 páginas. Passei seis meses, de janeiro à julho de 2016 lendo toda essa extensão de páginas. Num primeiro momento, após ler um diário de campo, eu o transformava em uma ficha com o nome de cada entrevistada com dados gerais cidade natal, estado civil, tipo de moradia, dentre outras informações. As fichas viravam um arquivo paralelo ao diário de campo. Eram salvos digitalmente e cada arquivo ganhava o nome com o tipo de material lido, o nome da pessoa entrevistada, a data em que o material foi produzido e o nome da pesquisadora que dele participou. Como, por exemplo, DC\_DonaIrene\_12\_08\_2014\_Mayara<sup>3</sup>. Era importante não perder o contexto temporal

---

<sup>3</sup> DC correspondia a Diário de Campo. Assim, como EN correspondia a Entrevista. Foram poucas as entrevistas com gravador, sendo a extensão dos tomos compostas principalmente por Diários de Campo.

do material e de quem o escreveu. Manter o ponto de vista da autora do diário de campo era central para não perder o meu ponto de vista, pois eu precisava manter como foco o envelhecimento, que mais tarde, como se verá nessa monografia, se desdobraria em envelhecer, em detrimento de outros temas e questionamentos que eram apresentados pelas pesquisadoras. Foi aí que outras formas de organização e visualizações se tornaram necessárias.

Ao longo da leitura muitas pessoas permaneciam, outras surgiam e muitas desapareciam. A quantidade de pessoas que foram vistas e ouvidas também precisava ganhar materialidade. Eu precisava ver. Precisava tocar. Como o nome do arquivo digital ganhava o nome da protagonista do diário de campo, comecei a colocar o nome da protagonista em pequenos papeizinhos na parede da cozinha de casa ao final da leitura de cada tomo. A cozinha, o chiado e os aromas que emanavam das panelas da minha mãe eram a trilha sonora dos meus momentos de estudo. Assim, eu olhava para a parede da cozinha e conseguia visualizar o nome das pessoas que continuavam comigo ao longo de muitos diários e tomos e as outras que estavam de passagem apenas.

Ao final da leitura de todos os tomos, aquela parede da cozinha contava com uma decoração muito útil. Foi um fluxo grande de informações. Nesse momento comecei a escrever um arquivo com reflexões em relação ao material com o qual eu estava trabalhando. Esse arquivo foi de imensa ajuda para que eu não me perdesse no mar de pessoas, informações, dúvidas, angústias e questionamentos. O arquivo era composto por trechos como o que segue abaixo, por exemplo:

Ler esse tomo 1 é como fazer o dever de casa quando eu era criança. Havia uma revista (o tomo) diversas palavras (os diários e entrevistas) e eu teria que recortá-las para tentar achar o que meu dever de casa indicava (meu tema de pesquisa). São boas as descrições apresentadas nos diários de campo, mas eu me pego perguntando: E isso? E aquilo? Parece que estou adentrando um lugar desconhecido. Vou tateando e tentando achar sentido naquele lugar. Ler os meus diários de campo era como retomar a um dia em que eu estava transitando pelas ruas da Guariroba ora com sol, ora com chuva, ora um meio termo. Ler esses dados secundários é

como tentar enxergar através da lente desse outro que me conta algo. É esse esforço de tentar recuperar através do outro um outro ponto da história. Uma coisa interessante em ler esses diários foi ter a oportunidade de ter conhecido alguns dos rostos impressos neles. Quando falam da Dona Josefa, Dona Marília, da Guariroba, do espaço do centro de saúde, do Fabrício. Por mais que esses dados sejam secundários, eu tive a experiência de vivenciar o espaço, dessa forma, os dados não são tão secundários assim para mim. (Ana Clara Damásio, fevereiro de 2016).

Esses arquivos eram escritos por mim paralelamente aos diários de campo das outras pesquisadoras. Posso dizer que viraram diários de campo dos diários de campo. Eu procurava ler uma quantidade de diários de campo todos os dias. Essa quantidade poderia variar de 20 a 60 páginas. Após a leitura desse material eu voltava ao arquivo digital, colocava a data em que eu escrevia e registrava meus incômodos e descobertas para com o material lido: principalmente reflexões acerca do envelhecimento. Só tive consciência da importância desses diários de campo quando fui escrever esse primeiro capítulo. Através dele passei a ter ideia de incômodos iniciais que já não faziam mais sentido ao final da leitura dos tomos, de perguntas que eu havia feito e que ainda não haviam sido respondidas e questões que me marcaram do início ao fim da análise dos dados. É nesse sentido que o campo pode nos afetar de diferentes formas e com ele podemos vislumbrar a “possibilidade de viver outras vidas” (Silva, 2007). O “poder do campo” incide em nós tanto no espaço acadêmico (Faculdade, Universidade), como cria a possibilidade de “revisão existencial”. Esse caderno de campo sobre os diários de campo de outros pesquisadores foi escrito durante seis meses e auxiliou na reflexão sobre questões que serão importantes para essa monografia, como o incômodo com a palavra “velho” e a relação entre envelhecimento e envelheceres.

Se por um lado o campo físico de quatro meses em 2014 possibilitou “viver outras vidas”, o campo com os diários de campo em 2016 possibilitou essa mesma vivência pela ótica de outras pesquisadoras. O(s) campo(s) age(m) de diversas formas, como no choro ao chegar em casa, debruçar-me sobre meu notebook e escrever meu diário de campo, ou quando uma forte emoção foi resultado do contato com uma história, sobre nossos

diálogos com as colegas de curso, sobre nossos sentimentos em relação as nossas interlocutoras, a nós mesmas, aos diários de campo de colegas que conhecemos apenas pela escrita e até mesmo na madrugada em que irrompem nossos sonhos. Na minha experiência enquanto estudante da área da Antropologia da Saúde, lidar com histórias de sofrimento e ser também impactada por essas narrativas, foi e continua sendo um intenso exercício metodológico e pessoal. Nossas interlocutoras são constituídas de carne, osso e afeto, assim como nós.

Decidi tomar algumas decisões metodológicas, e nesse sentido também éticas e políticas, como não diminuir o tamanho da fonte ou o espaçamento para as falas das minhas interlocutoras. A forma e um padrão menor também são artifícios estéticos de fazer valer e colocar em destaque algumas vozes em relação a outras. Sempre indicarei a autora e a data do diário de campo. Li, analisei e citei os diários de campo de outras pesquisadoras ligadas à professora Soraya Fleischer, porque este acesso foi pactuado entre todas estas equipes previamente no início de cada pesquisa. Utilizarei também pseudônimos para as interlocutoras afim de não expô-las e garantir o pacto que fazia em cada ida a campo de que seus nomes não seriam divulgados.

Há um predomínio de diários de campo da professora e pesquisadora Soraya Fleischer, pois ela foi a única integrante dos grupos de pesquisa que permaneceu os seis anos em campo. Como o tempo, espaço e as relações eram importantes para a construção que eu gostaria de fazer sobre o envelhecer, seus diários de campo também tinham percorrido diferentes espaços, tempos e relações. Como muitas vezes ela havia convivido e ouvido anos a mesma pessoa, seus diários de campo possibilitavam que eu observasse as mudanças no espaço, os impactos do tempo e as diferentes relações. A leitora pode também algumas vezes sentir falta de alguma informação ou outra, eu também senti essa falta. O envelhecer era tema que rondava os diários de campo, mas eu estava circunscrita pelas descrições e observações de outras pesquisadoras que muitas vezes tocavam em temas que não eram relacionados ao envelhecer. Como cada pesquisadora tinha maneiras diferentes de se ater ao espaço, as relações e possuíam diferentes descrições, tive que aprender a trabalhar com o que o material me oferecia e escrever a partir dele. Analisar dados secundários mostrou que não é possível lidar com o todo, e que a completude é uma ilusão.

Como o método inicial de ficha remete, eu estava olhando para tudo um pouco, desde o que as pessoas na Guariroba vestiam ao que comiam. Foi nesse momento que categorias começaram a aparecer com mais frequência e a ganhar força. Nesse momento histórias e pessoas iam ganhando destaque. Depois dessa primeira leitura do total de 1755 páginas eu cheguei a um material especificamente sobre o envelhecer com 334 páginas. Essas 334 páginas me ajudaram a ter clareza do que se tornaria central nessa monografia, afinal, não dava para falar tudo. Fiz a leitura e análise dessas 334 e selecionei que histórias eu gostaria que me acompanhassem ao longo dessa monografia. Foram diários de campo, cadernos de campo, fichas, diários de campo dos diários de campo, quadros na cozinha, episódios diários, que ajudaram a selecionar o material que aqui utilizei.

São muitas as formas pela qual podemos organizar um material para utilizar no momento da escrita. Na cena que transita entre a pesquisa de campo físico e a pesquisa de campo no papel, vemos a necessidade de discutir outros tipos de materiais. Novos sujeitos estão ocupando os “territórios dos arquivos”, dentre eles os antropólogos. O fenômeno, no entanto, não nega a importância do “campo tradicional” da antropologia, mas incita uma “ampliação e diversificação da forma como se pode pensar a prática antropológica” (Cunha, Castro. 2005, p.4). Assim, o campo da antropologia vem sendo ampliado para novas fontes de pesquisa, novos campos como, por exemplo, arquivos históricos.

Olivia Cunha (2004) ressalta que a apropriação dos arquivos pode gerar diferentes tensões em relação ao fazer antropológico, a escrita de etnografias e a pesquisa de campo. Os arquivos em meio a esses ofícios - pesquisa etnográfica e pesquisa de campo - têm sido ligados à “impossibilidade de estar lá”, a formas “secundárias de contato” (p. 292). Mas a lente pela qual perpassa os nossos próprios diários de campo também não estão circunscritos de escolhas, percepções e impossibilidades de perceber um todo? Nossa observação e escrita de diários de campo também não são contingentes à nossa posição no mundo e apresentam uma percepção parcial da realidade?

Durante uma das visitas domiciliares na Guariroba em 2014 eu, Mayara e Paulo resolvemos escrever um diário de campo coletivo com base em uma sugestão da professora Soraya Fleischer. Vivenciamos o mesmo espaço, escutamos as mesmas conversas, vimos as mesmas pessoas. Seguimos para a escrita. As percepções e atenções



que eram dadas às falas e ao espaço variaram de pesquisadora para pesquisadora, mas um fato marcante desse processo de escrita coletiva foi a discordância em relação a cor da blusa de uma das pessoas visitadas naquele mesmo dia. Uma pesquisadora dizia que a cor da blusa era X, e eu tinha certeza que a cor da blusa não era aquela. Pensei sobre o episódio e entendi o importante da discussão não era necessariamente a cor da camisa, mas sim a percepção singular de uma realidade vista pelos olhos de uma pesquisadora. Talvez as conexões cerebrais naquele momento tenham sido feitas de forma diferentes, talvez a luz enquanto outra pesquisadora estava dentro ou fora de casa tenha alterado a percepção da cor, talvez a forma de nomear uma mesma cor fosse diferente para nos duas. A questão é que o “estar lá” (Geertz, 1998) não garante uma fidelidade em relação a percepção da realidade. Todo o material escrito, lido, desenhado e pesado, passam por esse filtro de escolhas e percepções de quem está presente, que registra, lembra, escreve e depois de quem te lê e acompanha. Escrever um texto e analisar diários de campo também é sentir e ser afetada de forma corpórea. Não é apenas a fisicalidade que define o campo, mas o olhar com intuito antropológico sobre a realidade analisada.

## Caminhos

A Guariroba é um bairro da Ceilândia, região que é atualmente a maior região administrativa do Distrito Federal. As pessoas que residem no bairro da Guariroba com quem conversamos são compostas principalmente por migrantes baianos, paraibanos, cearenses, piauienses, potiguares, mineiros e goianos. Seria inconsistente adentrar a vida dessas pessoas que habitam esse bairro sem antes falar como lá foram parar. O movimento de sair da sua cidade natal e migrar para um novo local poderia ser descrito de várias formas, mas opto por trabalhar com três temporalidades que considero constituintes para os fins desse texto. Conecto o vir, o morar e o permanecer. Esses três momentos não são apenas movimentos do corpo no espaço, mas momentos que encarnam os espaços, as temporalidades e as relações no corpo.

Optei por apresentar essa mudança através de Dona Irene. Dona Irene foi uma interlocutora que manteve um intenso diálogo com os grupos de pesquisa orientados pela

professora Soraya Fleischer que passaram pela Guariroba<sup>4</sup>. Através dela pretendo apresentar apenas uma, das muitas possibilidades de sair de uma região rural até o desaguar na Guariroba.

Sempre que Dona Irene era questionada sobre sua trajetória até chegar a Guariroba, ela tomava um caminho que perpassava um período que antecedia os 50 anos que já possuía no Distrito Federal e os 30 que estava na Guariroba. Ela voltava ao interior da Bahia e de lá desenrolava os meandros de sua vinda até a capital. Dona Irene era uma mulher de tez clara, de baixa estatura, na casa dos 70 anos e com o cabelo geralmente preso em um coque baixo.

Dona Irene teve uma vida rural, na lida agrícola. No interior da Bahia ela casou, perdeu uma filha logo após o nascimento e também o pai em um intervalo de tempo muito curto. Seu Geraldo, marido de Dona Irene, já estava no DF e trabalhava na construção civil. Após esse intenso período de perdas “viemos para Brasília para buscar tratamento de saúde para mim. Eu passava muito mal. Olhava assim para fora da janela e via aquele céu. Era como se o céu estivesse baixo, assim. Era como se alguma coisa estivesse me apertando. É difícil de explicar” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2012). Relatou Dona Irene, que tentava descrever o que viria a ser identificado por ela anos depois como depressão.

À época que chegaram ao DF, Dona Irene e Seu Geraldo já possuíam dois filhos e o terceiro nasceu quando já moravam “com os parentes dele”. Dona Irene relatava esse período da sua vida e os desdobramentos de “morar de favor”:

---

<sup>4</sup> PRIMEIRO PROJETO (PESQUISA): O “sistema de medicamentos” na Guariroba, Ceilândia. 2009-2010. Março a Junho. EQUIPE: Soraya, Gustavo, Ana Paula, Junior, Mariana Marchão e Amanda Frenkle. SEGUNDO PROJETO (PESQUISA): O “sistema de medicamentos” na Guariroba, Ceilândia. 2010-2011. Janeiro a Julho. EQUIPE: Soraya Fleischer, Natalia Almeida e Amanda Frenkle. TERCEIRO PROJETO (EXTENSÃO): “É muito duro esse trabalho. Investindo nos servidores da Secretaria de Estado de Saúde”. 2011-2012. Soraya Fleischer, Natharry Almeida, Marcos Alvarenga, Monique Batista, Luiza Rabello, Polliana Esmeralda. QUARTO PROJETO (PESQUISA): “Como é conviver com a Hipertensão Arterial e a Diabetes Mellitus na Ceilândia? Aportes de uma antropologia da cronicidade”. Ceilândia. 2012-2013. Fevereiro a Agosto. EQUIPE: Soraya Fleischer, Natharry Almeida, Polliana Esmeralda e Helena Lancelotti. QUINTO PROJETO (PESQUISA E EXTENSÃO): Desenho, produção e divulgação do filme etnográfico “Bicha braba”. Ceilândia. 2012-2015. Agosto a Dezembro. EQUIPE: Soraya Fleischer, Monique Batista, Polliana Esmeralda e Hugo Cardoso. SEXTO PROJETO (PESQUISA): “Uma etnografia sobre pessoas que convivem com “problemas de pressão” na Guariroba/DF”. Ceilândia. 2014-2015. Agosto a Setembro. EQUIPE: Soraya Fleischer, Ana Clara Damásio, Paulo Coutinho, Mayara Albuquerque.

Foi sofrimento demais isso, meu deus. A gente não tinha condições de morar numa casa nossa. Ele ganhava pouquinho. Então, fomos morar com os parentes dele, porque ele tinha gente pra cá. Mas foi muito sofrimento, eu com os meninos pequenos. Era muita humilhação”. [Eu peço para ela explicar essa última palavra, tão forte.] “Ah, assim, a gente tava ali morando de favor e eles jogavam isso na cara da gente. ‘Vai embora, aqui não é a sua casa’, diziam assim para gente toda hora. Batiam nos meus filhos, era só eles passarem assim, que eles pegavam a vassoura e batia neles. Mandava a gente embora o tempo todo. A dona da casa não gostava que eles mexessem com a mangueira, com a água. E olha que a gente pagava essa despesa, dividia a conta da água. A gente podia usar. Mas ela não deixava. Reclamavam que os meninos sujavam o chão que tinha acabado de ser limpo, essas coisas. Eu não tinha para onde ir, tinha que ficar ali mesmo. Eu entrava pro quarto e chorava, chorava. Ele [Geraldo] tava pro serviço e eu ficava ali, tentando resolver a situação. Não falava nada, só chorava. Ficava no meu canto chorando. Tinha noite que eu passava acordada, chorando a noite toda. Era muito sofrimento.”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2012).

Morar em uma casa que não era sua abria margem para uma situação que mobilizava Dona Irene na busca de um lugar que fosse seu. Foi então, que Dona Irene e Seu Geraldo resolveram morar de aluguel em Taguatinga, outra região do DF. Com a fala de Dona Irene vemos que existem várias formas de morar, com malhas específicas de relações e situações a qual ela esteve exposta. “Morar com os parentes dele” acarretava muita “humilhação” e expunha Dona Irene a uma rede de controle dos parentes do marido para com seus filhos. “Morar de favor”, mesmo arcando com algumas despesas, gerava o controle de bens materiais como a água utilizada por seus filhos.

Depois de três anos com os parentes dele, foram outros oito anos de aluguel na mesma região. “Morar de aluguel” é uma etapa de mais liberdade em relação à que Dona Irene tinha com “os parentes” do marido. Era outra forma de lidar com o espaço e as

relações que estavam envoltas nesse processo de morar. O que não quer dizer que as relações estivessem isentas de conflitos como, por exemplo, “um desentendimento com o dono do aluguel”.

O objetivo almejado por Dona Irene era um lugar que fosse seu, “morar numa casa nossa”, em “sua casa”. Seu Geraldo trabalhava e Dona Irene era responsável por outro trabalho, o cuidado dos filhos e da casa. Ao ouvir uma notícia sobre a inscrição para as “casas da SHIS<sup>5</sup>” ela resolveu convencer Seu Geraldo a fazer a inscrição. Realmente foi um processo de convencimento, pois Seu Geraldo achava que o melhor era Dona Irene e as crianças retornarem à Bahia, e após ele juntar algum dinheiro, ele iria embora encontrar a família. As “casas da SHIS” não vinham sem custo. Os moradores que as recebessem teriam que arcar com algumas parcelas. O convencimento era parte importante nesse caso, pois, à época, só os homens podiam realizar a inscrição na SHIS, por terem “trabalho fichado”. Dona Irene não queria voltar para Bahia e contando com a ajuda de um sobrinho querido do marido, Seu Geraldo foi convencido a fazer a inscrição.

Foram longos cinco anos esperando o nome do Seu Geraldo sair no jornal, que à época era a maneira pela qual os nomes das pessoas que recebiam as casas eram divulgados. Dona Irene constantemente procurava o nome do marido até que um dia Luiz, morador do mesmo lote de aluguel que Dona Irene e vendedor de jornal, trouxe uma notícia fresquinha:

Já tava na última quadra aqui. Já tava no final mesmo das casas da SHIS. Aí, meu marido saiu para trabalhar e cruzou com o Luiz. Ele morava lá no mesmo lote que a gente, ele vendia jornal. O Luiz queria que ele comprasse o jornal para ver se o nosso nome tava na lista da SHIS. Ele não quis comprar, já não acreditava mais que ia sair. Olhava e olhava, comprava o jornal todo dia e nada. Disse assim, ‘Vai lá dentro, vende o jornal pra Irene’. E foi embora trabalhar. ‘Ó, Dona Irene, Seu Geraldo falou para eu vender o jornal para senhora’, ele chegou dizendo. Eu falei para ele, eu posso olhar e depois comprar? Ele deixou. Quando eu fui ver, lá no “G”,

---

<sup>5</sup> “Sociedade de Habitação de Interesse Social”.

tava o nome dele. Era o segundo assim! Eu comecei a dar uns tapas no Luiz, e eu gritava, eu abraçava ele, dava uns tapas. E eu tava feliz demais! Aí, fiquei agoniada para ele (Seu Geraldo) voltar do trabalho, pra pegar o documento de identidade e ver se era ele mesmo. Ele voltou e era mesmo. Era a nossa casinha! Foi depois de um tempo que eu lembrei que eu tinha ajoelhado para orar. Eu tinha pedido justamente para não ter que passar mais pela chateação, pela humilhação de ter que morar na casa dos outros. E deus olhou pela gente. Para muitos outros parentes não saiu a casa. E aí saiu a nossa! (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2012).

Dona Irene finalmente conseguiu mudar para “sua casa”. Seus filhos poderiam abrir as torneiras, poderiam correr sem o medo das vassouradas dos parentes do marido. Mas conseguir ou comprar uma casa não encerra o processo de lidar com os problemas das mais diversas ordens que a vida oferecia e viria oferecer. A prole de Dona Irene cresceu assim como os cômodos daquela pequena casa no bairro da Guariroba. Outras dificuldades se apresentavam como sustentar os filhos. Seu Geraldo trabalhava como jardineiro da UnB e o salário não era suficiente para toda família, os filhos começaram a trabalhar cedo e vendiam mexerica, picolé e bolo pelas ruas da Ceilândia.

Dona Irene corresponde ao perfil de muitas histórias que foram ouvidas na Guariroba. Prole extensa, veio de uma região interiorana, morou em outros locais antes de chegar a Guariroba, trabalhadora braçal e de uma classe popular. Não quero com isso resumir todos os relatos ouvidos e lidos ao de Dona Irene. Nem todas as histórias são como a sua, mas uma parcela considerável seguiu o mesmo caminho que o dela. Há nuances na vinda, no morar e no permanecer. Como Dona Irene relatou, “eu nunca tinha pensado em vir morar aqui. Queria mais é ficar lá com os meus. Mas vim, me tratei e fui ficando. Quando vê, tô aqui esse tempo todo” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2012).

O intento aqui não é apresentar Dona Irene como um exemplo, anedota ou um tipo específico representativo dessa vinda e permanência na Guariroba, pelo contrário. Aqui, pretendo que ela abra um contexto para elucidar os muitos espaços que essas pessoas tiveram que percorrer para chegar a Guariroba, do tempo necessário entre tomar uma

decisão de migrar até o estabelecimento em um novo bairro, das mudanças físicas e das novas relações que foram construídas nesses espaços. Dona Irene já contava com a presença de Seu Geraldo no DF, o mesmo contava com o auxílio de seus parentes. A junção de uma motivação para migrar e uma rede de relações na nova região a qual se pretende migrar criavam um cenário propício para buscar novos caminhos e estabelecer uma vida nesse novo espaço. Todas essas relações têm impacto na forma como o tempo e o espaço são incorporados no corpo que envelhece.

Chegar à Guariroba era mais uma etapa da vinda para a capital. É interessante perceber que mesmo enquanto mulheres “jovens”, a vida dessas mulheres era regada por problemas e desafios dos mais diversos. Se hoje essas mulheres adquiriram um adjetivo que as nomeiam como sendo parte de uma “terceira idade”, não significa que os desafios e problemas tenham deixado de existir. As etapas que se seguiram para o estabelecer da vida na Guariroba foram inúmeras. Os desafios, dilemas, problemas, não acabam quando se chega a “terceira idade”, nem tampouco quando se é “jovem”. A casa inicial da SHIS e os espaços se modificaram ao longo do tempo, assim como o corpo dessas mulheres, assim como seus desafios e dilemas.

Gostaria de alertar que a discussão de espacialidade e temporalidade são de grande importância para a discussão sobre os envelheceres que farei nessa monografia. É justamente por essas razões que apresento o movimento da migração através da mudança dos espaços. O tempo, o espaço e as relações são constituintes do envelhecer.

## Envelhecer

Se o campo é permeado por escolhas e percepções, a categoria “velho” em especial sempre chamou minha atenção enquanto eu lia os textos relacionados ao envelhecimento. A resposta para tal incômodo viria mais tarde. A resposta estava no campo, nos diários de campo. Compreendia que a palavra “velho” não era suficiente e nem fazia jus às pessoas com quem dialoguei na Guariroba, pois a mesma carrega um significado que remete a algo gasto, muito usado, passado. Não gostaria de atrelar minhas interlocutoras a essa palavra, não apenas por uma questão semântica, mas por a palavra não suprir a

complexidade que aquelas realidades demonstravam. A surpresa em relação a essas pessoas com mais de 60 anos não era apenas minha; quanto mais eu lia, mais eu possuía consciência de que o verbo envelhecer deveria ser desconectado do adjetivo velho, esse adjetivo que tenta qualificar, homogeneizar, englobar e dar sentido a um complexo existencial que é múltiplo. Foi essa multiplicidade que eu encontrei, por exemplo, nesse trecho, quando a equipe chegou a um dos principais espaços de lazer do bairro:

Logo encontramos o lugar, era bem mais perto do que eu pensava. Na verdade nos imaginamos que fosse ali, quando ouvimos a música só confirmou, um forrózinho bem alto, parecia bem animado [...]. Ficamos em pé um tempo, olhando o pessoal que dançava, fiquei admirada com a animação, bem diferente da ideia que se tem, que pessoas mais velhas não têm pique, ou animação, ou até disposição, ali eu vi pessoas bem mais velhas que eu e com muita mais disposição que eu tenho, geralmente. (Diário de campo de Polliana Almeida. 2012).

Compreendia que a perspectiva de uma mulher de 21 anos poderia influenciar na ideia e significado da palavra "velho", mas a surpresa era compartilhada por outras pesquisadoras. Em uma tarde de abril de 2016, enquanto a TV de casa estava ligada e eu estava lendo os diários de campo no computador, minha mãe se dirigiu a mim e disse “Olha aí, não é aquilo que você tá estudando?”. Desviei minha atenção para a TV e eis que escuto um senhor de cabelo branco, óculos de grau e camiseta azul dizendo... “A palavra velho não significa nada pra mim”. Essa frase gotejou na minha cabeça durante alguns dias. Foi aí que percebi que a palavra “velho” é colada a significados e signos e só pode ser compreendida a partir da perspectiva de quem fala, como se fala e para quem se fala, tudo dependia do contexto. A construção do ser "velho" e do que é envelhecer perpassa tanto o nível individual quanto o coletivo. Atentei-me aos diversos significados que poderiam estar relacionados a ser velho e envelhecer, eu recorri à teoria para me ajudar a refletir sobre a multiplicidade que cabe nesse processo. O envelhecer deveria ser entendido como um processo relacional. O caráter relacional do envelhecer é também visto em contexto africano quando vemos a ideia de ancestralidade e senioridade (Kopytoff, 1971). Os ancestrais além de serem revestidos de poderes e autoridade

místicas, mantêm um papel funcional no mundo dos vivos, principalmente no seu grupo de parentesco, grupo esse composto tanto por pessoas vivas como por pessoas mortas.

Os mortos possuem uma relação com os vivos e são vistos pelos vivos ora em uma relação punitiva, benevolente ou caprichosa. Os vivos mantêm uma relação com os ancestrais de forma ambivalente, assim como os mortos para com os vivos. A ligação dos vivos com os mortos é dada através dos mais velhos do grupo de parentesco. Os mais velhos são os representantes dos ancestrais e os mediadores entre eles (vivos) e o grupo de parentesco (vivos e mortos). O interesse dos vivos pelos mortos reside na medida em que eles podem afetar a vida dos vivos e não em como os mortos vivem, ou sobre seu mundo. Existe uma estrutura hierárquica que confere autoridade aos sêniores do grupo. Na pesquisa de Kopytoff, entre os Suku, na região do sudoeste do Congo (Kinshasa), os que são chamados de “bambuta” são todos aqueles mais velhos do que o ego entre os vivos e os mortos. Já os “baleke” são todos os que estão abaixo de ego. (2012, p. 235).

Assim, essa forma de distinção entre os mais velhos e os mais novos não é vista através da limiaridade da vida e da morte. Nesse sentido, é a senioridade por si só que confere a uma pessoa poderes místicos sobre a pessoa mais nova (do grupo de parentesco). Essa estrutura geracional expressa um contínuo de autoridade que extrapola a linha da materialidade. Não é o fato de apenas ser um ancestral que confere autoridade e poder a uma pessoa que está morta, é o fato de ser mais velho dentro da estrutura de parentesco. A morte muitas vezes encerra as relações sociais em alguns contextos, mas entre outros povos essa relação é contínua. O que muda é o conteúdo das relações e não sua forma. O status do mais velho não muda enquanto morto, o poder não se esvazia, só muda de pessoa a pessoa dentro dessa estrutura geracional. A relação estabelecida entre vida e morte, entre mais velho e mais novo se dá pelo poder e autoridade conferidos a determinadas faixas etárias e são pensadas de formas distintas dependendo do contexto.

Envelhecer pode estar relacionado como uma etapa da vida onde estamos sujeitos a uma violência de conteúdo geracional, por exemplo. Nesse sentido, setores da sociedade buscam a negociação e a representação acerca da família como defensora e principal responsável pela guarda das pessoas idosas, muitas vezes não entra em consonância com a realidade, pois a família pode ser um espaço de violência, colocando principalmente as mulheres idosas em situações de vulnerabilidade (Motta, 2010). Ao mesmo tempo,



podemos observar a construção da “terceira idade” como um produto de um mundo globalizado e capitalista que gera a valorização da velhice a partir da criação de novos mercados de consumo. Por outro lado como Debert (1996) acrescenta, as relações envoltas na construção da terceira idade podem indicar uma nova sensibilidade acerca da “experiência de envelhecimento”, com uma possível posituação desse período da vida. Com a junção de novos mercados de consumo e a busca por demandas políticas, o envelhecimento pode ser encarado como responsabilidade individual. É o que a autora chama de “reprivatização da velhice”.

Esse processo é resultado da articulação e de intensa conversa entre o “discurso gerontológico, o público mobilizado nos programas para a terceira idade e a mídia” (Debert, 1996, p.2). O envelhecimento poderia estar ligado tanto a uma situação de vulnerabilidade e violência geracional, quanto a uma construção da velhice por setores da sociedade como espaço positivo e de responsabilidade individual.

Foi essa minha surpresa depois de ver o programa de TV seguido pela minha mãe e consultar o site do programa “Muitos anos de vida”, e encontrar uma série documental em cinco episódios que buscava discutir respectivamente os 50, 60, 70, 80 e 90 anos<sup>6</sup>. O senhor que dizia que “a palavra velho não significa nada pra mim” era uma das pessoas que relatavam suas experiências de envelhecer. A maioria dos episódios procuravam discutir aparência, independência, casos amorosos, redescobertas, etc., geralmente sob o prisma de “depoimentos de pessoas que aprenderam a se reinventar e se manterem plenas ao longo dos anos”, de acordo com o site do programa<sup>7</sup>. O meu espanto se deu principalmente pelo envelhecer ser unicamente encarado e ligado no programa e no site a um polo existencial positivado. Não que envelhecer não seja isso, mas envelhecer é também outras coisas. Os campos apresentavam realidades muito mais complexas do que o bom ou mal envelhecer.

É por isso que para compreender a ideia de “terceira idade” é preciso encará-la como uma “construção ideológica em um mundo globalizado, e, ao mesmo tempo, fragmentado e caracterizado pelo liberalismo” (Batista e Brito da Motta. 2014 p. 41). Na década de 1990 a população idosa foi a que mais cresceu no Brasil, sendo as mulheres

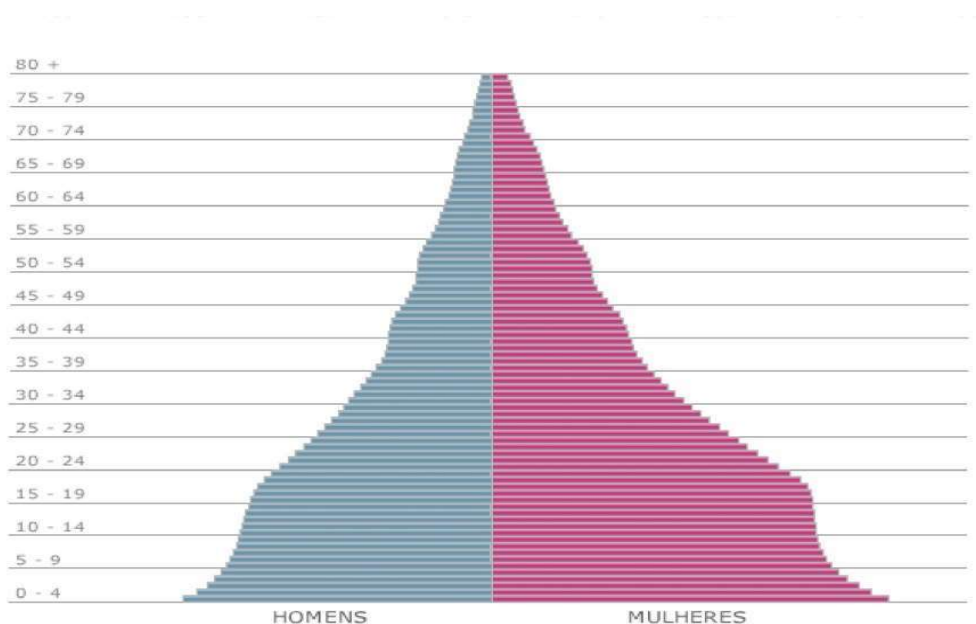
---

<sup>6</sup> O programa “Muitos anos de vida” é dividido em cinco episódios. Cada episódio procura retratar o envelhecimento através de décadas (50, 60, 70, 80, 90). O diretor Alberto Renault entrevistou 30 pessoas das mais variadas origens e classes sócias. <sup>7</sup><http://gnt.globo.com/programas/muitos-anos-de-vida/>

predominantes nessa faixa etária. As explicações para esse crescimento, não vistas anteriormente, é a queda na “função da fecundidade” em gerar e a mortalidade estar mais ligada ao grupo masculino. Tivemos uma transição demográfica e consequentemente a inversão da pirâmide etária. Essa mudança teve e tem gerado mudanças na forma como o envelhecer é percebido. Segue abaixo a tabela da transição demográfica em números absolutos dos anos 1960 a 2010. Logo abaixo da mesma segue a pirâmide etária dos anos de 1980, 2016 e a previsão feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para a pirâmide etária de 2050:

Transição demográfica	
Anos	População/Milhões
1960	70,2
1970	93,1
1980	119,01
1991	146,83
2000	169,8
2010	190,76

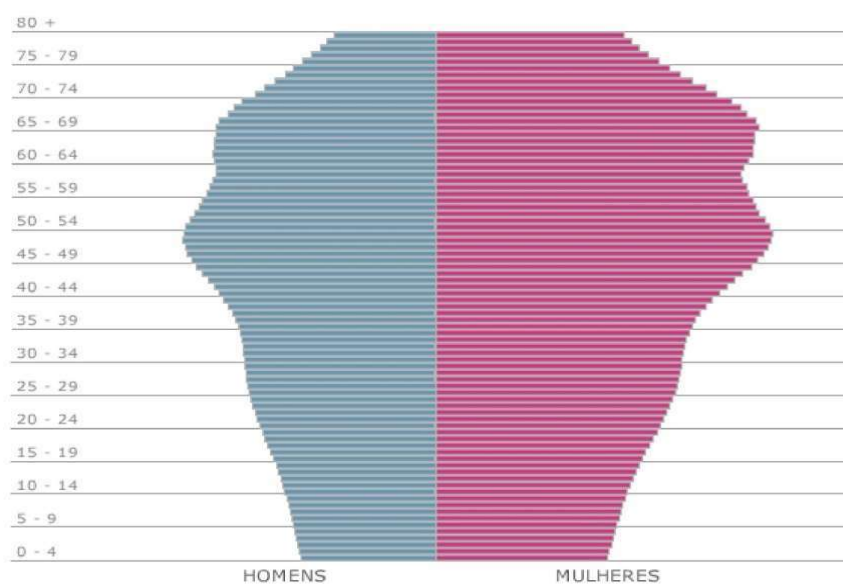
(Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000).



(Fonte da Imagem: Site do IBGE. Pirâmide etária absoluta de 1980)<sup>7</sup>



(Fonte da Imagem: Site do IBGE. Pirâmide etária absoluta de 2016)<sup>8</sup>



(Fonte da Imagem: Site do IBGE. Previsão da pirâmide etária para 2050)<sup>9</sup>

<sup>7</sup> [http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2008/piramide/piramide.shtm](http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/piramide/piramide.shtm) Site acessado dia 26/11/2016.

<sup>8</sup> [http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2008/piramide/piramide.shtm](http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/piramide/piramide.shtm) Site acessado dia 26/11/2016.

<sup>9</sup> [http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2008/piramide/piramide.shtm](http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/piramide/piramide.shtm)

O envelhecer não é a mesma experiência entre homens e mulheres e essa diferença também se destaca em relação à classe social. O componente da raça também seria determinante para a experiência de envelhecer das pessoas idosas (Batista e Britto da Motta, 2014). Devemos acrescentar outros recortes além dos já levantados como orientação sexual e escolaridade. O envelhecer é múltiplo e cada recorte implicará em nuances nesse processo. Guita Grin Debert (1999) já vinha nos alertando sobre a não homogeneização das experiências dos indivíduos pertencentes a uma categoria que os engloba. A velhice deve ser pensada como “um processo gradual em que a dimensão histórica e social e a biográfica individual” (1999, p.50) estão em constante intercâmbio.

Adentrar a temática do envelhecimento é também adentrar na discussão de juventude. Não podemos esquecer que as categorias trabalham a partir da delimitação de poder e das recorrentes negociações que se estabelecem a partir e entre elas. Como ressaltou Bourdieu (1983), “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (p.2) e esses cortes etários são passíveis de manipulação e negociação. Ou seja, ao falarmos nas categorias “jovens” e “velhos”, estamos falando de uma construção social que é circunscrita em um espaço de constante batalha para tentar significar tais categorias. É nesse sentido que tanto o envelhecer quanto as categorias correlatas são relacionais.

\*\*\*

O envelhecer pode ser composto por um grupo geracional que compartilha significados sobre uma experiência, mas essa experiência não pode ser encarada como homogênea. Existem formas diferentes de envelhecer. Existem diferentes facetas nessa etapa. Cabelos brancos, perdas e por vezes a felicidade de ver a continuação através dos netos.

Myriam Moraes (2011) faz um importante resumo de perspectivas teóricas que buscam refletir sobre o envelhecimento na pesquisa socioantropológica brasileira. Ela argumenta que as percepções em relação ao corpo e dos diferentes cuidados com o mesmo

têm ressonância social. Assim, “o envelhecer é um processo relacional que se dá em temporalidades distintas: como memória e como projetos construídos no tempo presente” (2011, p. 54). Há uma continuidade que transita entre o passado e o presente. A memória nos puxa ao passado e nos faz reagrupar eventos que ocorreram sobre as experiências vividas até o presente momento. Como Dona Irene que retomou a Bahia, Taguatinga e a SHIS para narrar sobre a Guariroba. Há também a demarcação de continuidade na vida através de projetos. Como Dona Irene em sua busca pela “sua casa” ao longo de muitos anos.

Envelhecer aqui é entendido como esse complexo relacional de experiências e memórias que são perpassados pela biografia individual, social e cultural. Ao mesmo tempo ele está embrincado em um embate de significação por diversos setores de uma sociedade capitalista que ora o caracteriza como sendo um processo que prejudica setores como a economia (pensionistas), vezes como a “melhor etapa” para aproveitar a vida e buscar experiências e vivências que não foram possíveis antes, como viagens a Caldas Novas. Veremos no capítulo seguinte que o envelhecer se caracteriza principalmente pela multiplicidade que os diferentes recortes sociais irão criar.

Assim, vir para a capital e tentar construir um novo espaço onde seja possível “morar”, requer diferentes estratégias. Seja a parentela que já havia se estabelecido no espaço e oferecia uma rede de apoio e/ou solidariedade, através das casas alugadas e até mesmo estratégias que rondavam a busca por uma casa e a consolidação em um novo bairro. Diferentes arranjos no “morar”, geravam diversas maneiras de se relacionar com o espaço. Os caminhos para a vinda para o DF foi semelhante para uma gama de pessoas na Guariroba, pois o sonho vendido-compartilhado em torno desse novo espaço gerava semelhantes expectativas em relação ao mesmo. Como o incentivo da vinda através de um “tratamento melhor”, “oportunidade”, “melhorar de vida”. Poderíamos então colocar que o imaginário em volta do que seria esse novo espaço (DF), foi estruturante nas trajetórias que seriam desenroladas nesse espaço. Assim, esse trajeto que seguiu etapas como a vida rural, a vinda para a capital e a permanência nesse espaço, também podem ser entendido como estruturante do envelhecer no bairro da Guariroba, como veremos no Capítulo Dois através das semelhanças nas trajetórias de Dona Marília e Dona Josefa.

A intenção desse capítulo foi apresentar a heterogeneidade que caracteriza o envelhecer e apresentar esse processo em consonância com a espacialidade, com o tempo e as relações, sobretudo estabelecidas nas últimas décadas na Guariroba. O corpo é modificado pelos tempos, espaços e relações. O espaço modifica o corpo e as relações. E toda modificação só é possibilitada pelo tempo. São eventos que se perpassam e se intersectam. A intenção do Capítulo Dois é adentrar a discussão do envelhecer a partir das aproximações e distanciamentos de duas Donas. Com elas, será possível vislumbrar as nuances e miudezas do envelhecer. Em seguida, no Capítulo Três, pretendo discutir as relações que são dadas e estabelecidas a partir de dois espaços.

## Capítulo Dois

### Donas

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer  
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer  
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer  
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Envelhecer – Arnaldo Antunes

Com o intento de discutir o envelhecer sob a perspectiva “relacional” e como “um complexo de experiências”, caminho que sugeri no Capítulo anterior, apresento agora duas histórias. Através das mesmas, pretendo apresentar duas formas distintas de envelhecer.

De todas as histórias que ouvi e li nos oito tomos de diários de campo, optei por dialogar com duas mulheres. Foram interlocutoras que mantiveram intenso parlatório com sucessivos grupos de pesquisas que transitaram pela Guariroba ao longo dos anos. Suas narrativas são um importante ponto de partida e serão adensadas e complexificadas à medida que o presente Capítulo avançar.

Compartilho da ideia apresentada por Benjamin, de que a narrativa “é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (1994, p. 205). Aqui, as narradoras vislumbram os acontecimentos mergulhando-os em si e depois trazendo à superfície o que será narrado.

As mulheres sobre quem li e com as quais resolvi dialogar nesse texto, se tornaram o foco da minha atenção não apenas porque foram, por exemplo, as que mais abriram as portas de suas casas e tiveram mais disposição para conversar com as equipes, mesmo porque eram, na maioria das vezes, as responsáveis pela organização da casa, pelo cuidado

dos netos e parentes, pelo almoço e janta. Foi possível notar a responsabilidade feminina em cuidar muitas vezes ao longo dos diários:

Dona Dora parecia uma senhora retraída, de poucas palavras. Mas concordou em conversar. [Ela explica,] “Depois das 14 h, 15h, é melhor porque a minha neta já foi para escola e eu estou mais tranquila. De manhã, é mais difícil, né?”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

“Estou mexendo com pessoa com Alzheimer, é muito custosa. De vez em quando ela fica agressiva. Ela era música aí eu lembro de algumas músicas e canto e ela finge que está tocando e se acalma. Ela às vezes pede maquiagem. Só eu entendo e tenho paciência. Ela tem dez filhos e eu que cuido dela. Nem ginástica eu vou mais”. (Dona Aurora relatando sobre o cuidado que mantinha com sua irmã. Diário de campo de Paulo Coutinho. 2014).

“Quando tá 100, 110, [a pressão] tá normal. Eu tenho que manter normal. Para manter normal, eu faço dieta. Não como doce. Mas não pode exagerar”. [Dona Marta] explicou que é ela quem cozinha para toda a família. Eu pergunto se ela faz em panelas separadas. “Não, uma panela só. Deus me livre. Sou eu que cozinho”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2012).

Cuidar da neta, cuidar de alguém com Alzheimer, cozinhar para toda família eram apenas algumas das muitas coisas que essas mulheres da Guariroba faziam. Entender o envelhecer a partir da narrativa dessas mulheres abria portas para pensar a relação com os filhos, netos, maridos, a renda da família, o cuidado, o corpo, a morte, a migração e outros fatores. A partir delas eu conseguia abranger a perspectiva de envelhecer.

Meu intento nesse texto não é negar nenhuma das facetas que compõem o envelhecer. Não é negar o adoecimento corpóreo e/ou mental que pode (ou não) acometer pessoas mais velhas, não é negar que elas reflitam e pensam sobre a morte, mas é também não reduzir o envelhecer a isso. Tampouco é pensar o envelhecer como a melhor etapa da vida, como o espaço para fazer o que não foi feito, como uma etapa ligada à plenitude e também à disposição. Prefiro seguir o que elas me indicaram sobre seus envelheceres.



Falemos aqui de envelhecer. O envelhecer indica ação e é justamente a partir dessa perspectiva que pretendo conduzir as histórias que serão aqui apresentadas. Ao mesmo tempo, o envelhecer não se limita as histórias aqui apresentadas, elas não representam tipos ideais ou alegorias. Pelo contrário, quero que essas histórias e pessoas abram margem e expandam a forma pela qual os envelheceres podem ser vistos e percebidos.

Assim, a intenção dessa monografia é justamente não pensar apenas o envelhecimento, mas sim demonstrar a complexidade que é envelhecer. O envelhecer é aqui entendido como um guarda-chuva semântico que engloba um complexo de diversas e diferentes formas de experienciar o mundo, não atrelado apenas a uma etapa de vida. Envelhecer é diferente de viver na velhice. Envelhecer perpassa toda nossa existência e é um processo ligado não apenas às pessoas, mas também às coisas, aos lugares. Envelheceres é então a infinita possibilidade de tornar-se velho e essa possibilidade atravessa a existência de toda pessoa e coisa. Tentarei elucidar o que o próprio verbo envelhecer sugere: ele é uma contínua ação e não sinônimo de chegada ou mesmo de estagnação em algum momento ou espaço. Ação aqui é entendida como a evidência de uma força, de um agente, de algo que age sobre outros algo.

O envelhecer é similar ao sonho que descrevi no capítulo anterior, ele é a complexidade de ser espaços, tempos e relações encarnados no corpo, nem sempre de forma linear ou organizado. O tempo aqui importa tanto quanto estamos falando de envelhecer, quanto na decisão de dialogar com duas histórias, pois os diários de campo também percorreram o tempo entre 2009 e 2014 e possibilitaram vislumbrar mudanças nas trajetórias.

Como ponderou Alda Britto da Motta "[...] a geração, em um sentido amplo, representa a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou de socialização no tempo" (Britto da Motta, 2010, p. 227. Grifo meu). O tempo importa quando discutimos essas trajetórias e os impactos que o mesmo tem sobre esses corpos. Concomitantemente essas pessoas fazem parte de um grupo geracional, possuem características comuns e compartilham costumes e signos localizados e delimitados justamente por pertencerem a um grupo geracional. Esse grupo é composto por indivíduos que estão atuando de diferentes formas e vivenciando o envelhecer de formas distintas. O tempo ao qual me refiro nessa monografia não é o tempo cronológico, existencial ou

físico, mas sim o tempo social (Alda Britto da Motta; Wivian Weller, 2010), tempo esse que é coletivo, histórico, delimitado e construído socialmente, assim como o espaço.

Como essa definição de Alda Britto elucida, o agente está posicionado no grupo, mas ao mesmo tempo está agindo, sendo ação. Nesse sentido é que envelhecer é a complexidade de ser ação. Ação do tempo sobre o corpo, ação do espaço sobre o corpo, ação dos recortes sociais sobre o corpo e corpo que envelhece sendo agente/ação. Como cantou Arnaldo Antunes na epígrafe desse capítulo, “felizmente ou infelizmente sempre vai o tempo correr”.

Mantive pouco contato direto com Dona Marília, mas a conheci pelos relatos dos diários de campo. Já com Dona Josefa o contato foi maior. Fui diversas vezes à sua casa, mas também obtive histórias que foram relatadas por outras pesquisadoras. As pesquisadoras que transitaram pela Guariroba me deram oportunidade de percorrer informações que foram se modificando com o passar do tempo e traziam dados que eu não tive acesso no momento da minha pesquisa sobre a relação entre pressão e nervoso na Guariroba, ainda em 2014.

O tempo brincava comigo. Primeiro conheci a Guariroba e depois pude percorrer uma temporalidade anterior à minha pesquisa física através dos diários de campo. Era como se todas as histórias das pessoas que eu ouvi e vi se expandissem em detalhes, fatos que não tive acesso, ou quando pude ler por outras perspectivas histórias que eu já tinha escutado. Percorrer os tomos adensava meu entendimento de tempo, espaço e narrativa.

Nesse sentido, o envelhecer também é relacional e localizado. Não trato o envelhecer como sinônimo de viver a fase da velhice. Envelhecer é como nascer, crescer, tornar-se adolescente ou adulto. Mas poderia o envelhecer ocorrer de forma distinta para duas mulheres casadas, com prole extensa, vindas do contexto rural e morando avizinhas na mesma rua?

Dona Marília

Dona Marília morava em uma casa térrea, com garagem na frente, com plantas em vasos ladeando todo o contorno da garagem. Na sala havia dois sofás pequenos, um rack com televisão, pequenos bibelôs e uma das pequenas estantes estava repleta de remédios e porta-retratos (Diário de campo de Soraya. 2009). Os porta-retratos sempre chamaram minha atenção nas visitas às casas. Estavam localizados nos racks, nas paredes ou em estantes e mesinhas de canto reservada apenas para eles. Através das fotografias víamos crianças, adultos ou antigos retratos pintados à mão de parentes mais velhos, como avós e/ou pais dessas senhoras com quem conversávamos. Dona Marília tinha a tez clara, olhar cansado, baixa estatura e levava o longo cabelo grisalho geralmente preso em um coque baixo.

Assim que chegamos para uma visita em sua casa, Dona Marília logo desenrolou sua narrativa entorno da queda do telhado de Seu Batista. Seu marido estava sentado na sala escutando a conversa. Ele havia tido um AVC pouco depois dessa queda e, mais recentemente, também pneumonia. Não era por acaso que Dona Marília começou o desenrolar da sua história através desta queda. Como veremos, esse fato foi um divisor de águas na vida de ambos.

Dona Marília ao contar os fatos da sua vinda para a Guariroba utilizava o pronome “nós” sempre que Seu Batista estava presente. Ela falava por ele e ela ao mesmo tempo. São mineiros e chegaram há 30 anos à Guariroba. Seu Batista estava doente. Seu irmão e seus pais já moravam no DF. Em busca de um tratamento mais adequado, para cá vieram e aqui ficaram. Chegaram com alguns filhos e outros vieram depois, pois precisavam terminar o semestre escolar. A família morou inicialmente com os pais de Seu Batista. Em seguida, moraram de aluguel em Taguatinga. Depois, conseguiram ser sorteados para a casa da SHIS ali no bairro. Trajetória similar à de Dona Irene apresentada no Capítulo Um. Foi um de seus filhos que, nos últimos anos, havia quitado essa casa em que moravam na Guariroba. Seu Batista foi pedreiro a vida toda, enquanto Dona Marília lavava roupas para fora. À época da pesquisa, Dona Marília e Seu Batista tinham por volta de 80 anos. O casal teve ao todo oito filhos. Sete moravam no DF e apenas uma filha morava em outro estado.

Em uma das visitas à sua casa e ao ser indagada sobre a quantidade de remédios que o Seu Batista tomava, Dona Marília sabia de cabeça. “Ele toma quatro medicamentos

sem contar o da pressão. Um é pra dor e três são para os ossos. Depois da queda, ele toma o Trileptal, toma de seringa, né?”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009). Quando indagada sobre os seus remédios, Dona Marília também sabia com destreza: “Eu tomo para os ossos. Eu tenho que fazer uma prótese porque tenho uma dor constante na perna. Sinto que tá queimando sem parar. Eu faço fisioterapia para isso lá em Taguatinga. Tenho o plano de saúde que cobre a fisioterapia. E também [um medicamento] tomo para pressão” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

Dona Marília foi questionada sobre Seu Batista reconhecer as pessoas que estavam ao seu redor e de maneira concisa respondeu “Eu acho que sim. A Josefa, que é minha vizinha, fica aqui com ele de manhã, duas vezes por semana, para eu ir pra fisioterapia. Ele sabe que é ela. O irmão dele veio visitar, lá de Minas, sabe. Ele viu o irmão e correu lágrima do rosto dele” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

Dona Marília observava as miudezas do dia a dia e tentava comunicar o estado corpóreo e psíquico do marido, seja nos consultórios, seja para parentes e vizinhos. Dona Marília ia ao fisioterapeuta cuidar de uma dor nas pernas que, segundo ela, foi causada pelo exaustivo trabalho na roça em sua mocidade e, imagino, também agravada mais recentemente com o cuidado do marido. Ao mesmo tempo, sua vizinha era paga para fazer faxina em sua casa e cozinhar. Dona Marília além de Dona Josefa, contava também com Luciene, a esposa de um dos seus netos, para essas tarefas domésticas. Em outro dia de visita, era uma neta de Dona Marília que estava na cozinha preparando o almoço.

Havia ainda o auxílio dos filhos para comprar os remédios que não conseguia pegar gratuitamente no posto. Mesmo com apenas sete dos oito filhos morando no DF, todos “ajudam no remédio, no plano de saúde, com a empregada que vem duas vezes por semana me dar uma ajuda. Eles compram o medicamento e trazem à noite e divide com todos os outros. Vêm e pregam ali na porta do quarto a nota [fiscal]. Aí, todo mundo vê quanto foi e divide” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

O plano de saúde era apenas parcial e provinha de um dos filhos que tinha um emprego público, mas todos os filhos pagavam o restante que não era coberto pelo plano de saúde. O mesmo ocorria com os medicamentos, onde após os médicos passarem “a receita para o mês”, como coloca Dona Marília, seus filhos já compravam a quantidade certa dos itens. Dona Marília e Seu Batista também contavam com suas aposentadorias.

Na porta do quarto do casal existia um calendário, e em cada dia do mês havia o nome de um dos filhos. O nome correspondia ao filho que viria dar banho no Seu Batista e dormir com ele naquela noite. Dona Marília disse,

“Eles ajudam muito. É importante ter alguém aqui de noite para ajudar a levar o Batista no banheiro, para ajudar se tem alguma emergência. Eles vêm todo dia. Se não vem ele, manda o filho. Meu neto, né? Todo mundo ajuda um pouquinho. Eles não tiveram muito estudo, mas são muito bons para a gente. Tem filho que leva pra casa dele e dá banho lá. Depois, devolve todo arrumadinho. Isso é pra eu descansar um pouquinho, né?”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

À certa altura, Soraya soube que Seu Batista tinha sido internado, mas mesmo em casa era Dona Marília quem monitorava e organizava quem da família iria dormir com ele no hospital, quem iria visitá-lo, quem iria no dia seguinte e quem teria folga do trabalho e poderia dar uma passada para vê-lo e avaliar o tratamento institucional que vinha recebendo. Ao ser questionada sobre a possibilidade de descansar mais, já que o marido estava internado, a senhora respondeu: “Não, pelo contrário. A gente fica aqui com o coração na mão, preocupada com ele. Meu filho falou que talvez ele tenha alta hoje” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

A rede de auxílio extrapolava o espaço da casa. No hospital, Seu Batista e Dona Marília também continuavam contando com seus filhos, netos e familiares. Dona Josefa nesse mesmo dia relatou que Dona Marília saía todos os dias de casa para visitar o marido no hospital. Não era o fato de o cuidado e auxílio estarem sendo realizados em outro espaço que ele seria menos trabalhoso. Agora o cotidiano contava com a latente preocupação em relação ao companheiro de longos 52 anos que se encontrava hospitalizado.

Dona Marília e Seu Batista tinham uma rede que auxiliava no plano de saúde, nos remédios, nos banhos, nos acompanhamentos, nas consultas, no trabalho doméstico. A rede de auxílio não se restringia aos filhos e netos, mas também a outros integrantes por afinidade da família e vizinhos. Por mais que Dona Marília contasse com o auxílio dessa

rede que ia desde o cenário financeiro ao afetivo, cuidar de Seu Batista refletia diretamente em sua vida e saúde.

“Sabe, eu tô mais doente é por isso tudo, de tanto mexer com ele. É muito pesado. Tem que empurrar para ele sentar no vaso. Porque sozinho, ele não senta. Antes, era tudo tão diferente. Ele era ativo, fazia de tudo aqui em casa, conserto assim. Ele tinha uma mania de varrer a rua aí na frente, todo dia. Para ficar tudo limpo, sem folha”. “Eu me lembro disso”, diz Gustavo [vizinho e pesquisador também presente na conversa], “eu passava e ele sempre me cumprimentava”. E ela continua, “A fisioterapia só ameniza, diz o médico. Só uma cirurgia mesmo para resolver esse problema da minha perna. Eu tô adiando a cirurgia até onde eu aguentar. Se não fosse ele, eu já tinha feito há muito tempo. Eu até fiz fisioterapia antes, mas não deu em nada. Agora, tô fazendo com outro médico para ver se funciona. Eu vou fazer cinco dias essa semana e mais cinco na outra semana. Mas de ontem para hoje, eu não senti nenhuma diferença”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

Em algumas ocasiões, Dona Marília dizia que não saía muito, que não conhecia muitas pessoas e parte disso era por ser a responsável pelo cuidado de Seu Batista. Dona Josefa, vizinha da casa em frente, também percebia essa mudança na vizinha:

“[Ela está] muito magrinha. Me disse que não tem vontade de comer nada. Nada pára na boca dela. Não tem apetite nenhum. Tá magrinha que só. O Batista tá melhorzinho, outro dia falou ‘Tchau’. Toma sol aí, caminha e tudo. Parece que quer falar com a gente. Mas ela tá com problemas nos ossos, dói tudo, ela diz. Os filhos precisam cuidar dela, ela que tá precisando agora” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2011).

Assim, havia um Batista antes e depois da queda e também uma Dona Marília antes e depois da queda. A rede de auxílio era tanto de Dona Marília quanto de Seu Batista, mas em níveis diferentes. Como elucidada a fala de Dona Josefa acima, por mais que a rede se estendesse também à Dona Marília, o auxílio maior e a maior parte do cuidado eram

direcionados à Seu Batista. Essa rede agia muito mais no sentido de auxiliar e facilitar o cuidado que Dona Marília organizava para Seu Batista, do que isentar a mesma da função de cuidadora.

Essa rede tendia a beneficiar tanto um quanto o outro de maneiras e níveis diferentes. Era justamente Dona Marília que conseguia responder que Seu Batista ainda reconhecia as pessoas, justamente por ser ela quem o observava cotidianamente. Um filho poderia dormir uma vez na semana, já Dona Marília estava ali diariamente.

Sem essa rede de auxílio, Dona Marília estaria muito mais sobrecarregada e limitada em relação ao cuidado do marido e ao próprio cuidado. “Mexer com ele” lhe acarretava sofrimentos e limitações, mas sem sua rede de auxílio, suas tarefas, seus sofrimentos e limitações seriam de uma ordem e grau diferentes. A forma como essa rede atuava em torno de Dona Marília e Seu Batista tinha impactos diretos sobre suas formas de envelhecer. A possibilidade de ter diaristas, de ter auxílio financeiro dos filhos, de serem aposentados, de terem netos, de possuírem plano de saúde, de conseguir internações hospitalares quando necessário, criava uma forma própria de envelhecer. Cada recorte ou a falta dele impacta sobre as possibilidades e limitações do envelhecer.

O tempo é encarnado nos corpos, tanto quanto é responsável pela possibilidade de vermos outros corpos que existiram em consonância conosco, se extinguirem. Alguns anos depois, Dona Marília tinha acabado de voltar de uma viagem que fez à sua cidade natal com um dos filhos e um neto:

Entramos e nos sentamos, “Vocês não repararam a casa. Ainda não dei faxina depois que cheguei de viagem”. Eu comecei dizendo que não tinha ficado sabendo da morte de Seu Batista e que vinha, também, para comunicar-lhe meu pesar. “Pois é, a gente não dá conta de sair avisando todo mundo, né?”. E depois, ela começou a contar como foi. “Ele tinha sofrido aquele acidente, lembra né? Caiu do telhado. Depois de três anos, ele teve o AVC. E foi isso, eu cuidei dele por oito anos no total. Para cima e pra baixo com esse homem. No final, foi bom, sabe. Ele precisava descansar. Tava muito difícil para ele. Internou e ficou na UTI. Teve um dia que a gente tava lá e a enfermeira veio dizer, ‘Olha, a médica vai

conversar com vocês. Não sei se é boa notícia ou se é má notícia. Mas ela já vem conversar com vocês, tá?’. Era boa notícia, porque ele precisava descansar. Aí, passaram para a maca e foram arrumar ele. Eu tava lá, mas não vi, assim, na hora que morreu, né? Ele tava com aqueles tubos na garganta, para respirar, né? E usando sonda no nariz para comer, para ser alimentado. Ele nunca tinha usado sonda antes, imagina. Deu aquelas feridas na boca. Mas depois sarou. Mas foi muito bem tratado lá no Hospital São Francisco. As irmãs dele até vieram aqui e gostaram de ver como ele tava sendo bem tratado. Sabe, a gente nunca judiou, nunca abandonou, nunca deixou de cuidar, de dar o remédio”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2012.

Grifo meu).

O não “judiar”, o nunca “abandonar”, o não deixar de “cuidar”, de “dar” o remédio são todas facetas que perpassam o cuidado que Dona Marília teve – e precisava demonstrar ter tido – com Seu Batista. Como ela colocou, “eu cuidei dele”, mas a questão não se resumia ao cuidado, não se restringia à manutenção de um corpo. A rede de auxílio de Seu Batista trabalhava no sentido de lhe garantir maior conforto perante a sua limitação física, cognitiva e financeira. Mas de acordo com Dona Marília, havia uma coisa que o cuidado não era capaz de garantir ao agente, o descanso. Se o antônimo de descanso é cansaço, talvez o corpo que envelhece e adoeça esteja buscando um descanso que a vida não foi capaz de oferecer. Quando ele descansou, só então, a cuidadora pode descansar a seu modo.

Como eu disse anteriormente, não era à toa que Dona Marília desenrolava a sua trajetória recente a partir do momento crítico da queda de Seu Batista. Dona Marília não apenas acompanhou o envelhecimento do seu corpo, mas também o do marido. A queda rompeu um envelhecer e abriu margem para outros – o dele e o dela. O corpo de Seu Batista envelheceu de forma diferente do corpo de Dona Marília. Ela tinha desgastes e doenças crônicas, mas não havia ficado dependente do cuidado como ele. E no encontro desses dois corpos que estavam em relação por mais de 52 anos, um deles descansou. E no desencontro dos mesmos, agora a cuidadora viúva, poderia recomeçar outros caminhos



como, por exemplo, cuidar um pouco mais da própria saúde ou viajar para visitar a parentela mineira.

### Dona Josefa

Dona Josefa foi apresentada às equipes de pesquisadoras por Dona Marília. Dona Josefa é uma mulher baixa e um pouco gorda, negra e com cabelo igualmente preso. Sempre que a via, estava com o sorriso no rosto. Seu Bento, seu marido, era um senhor de pele morena e cabelo branco. O casal tinha por volta dos 60 anos e tinha cinco filhos, sendo uma delas mulher. Seu Bento foi pedreiro e trabalhador da construção civil. Já Dona Josefa trabalhou como catadora de matérias recicláveis, costureira e fazia diárias em algumas casas do bairro. O casal veio da Bahia há mais de trinta anos e morou na Ceilândia Norte antes de fazer a inscrição da SHIS e ir para a Guariroba. Dona Josefa e Seu Bento eram aposentados, mas segundo Dona Josefa em uma das visitas à sua casa, “uma (das aposentadorias) tá ficando lá na farmácia” (Diário de campo de Ana Clara Damásio. 2014).

Na primeira visita à Dona Josefa e em meio a uma conversa sobre pressão alta e medicamentos, ela contou de uma forte dor de cabeça que a acometera no passado. Essa mesma dor de cabeça foi decorrente, segundo ela, de ter pegado muito “sol na cabeça”. Dona Josefa passou parte da sua vida na lida rural, ainda na Bahia, depois recolhendo materiais recicláveis. Mas esse último trabalho também propiciou andar por muitos espaços e conhecer muitas pessoas por ali. Não era por acaso que ela foi uma grande interlocutora e apresentadora de pessoas às pesquisas.

Dona Josefa estava sempre tentando resolver alguma coisa. Dentre elas, duas estavam em destaque. De um lado, o cuidado com o Seu Bento, do outro, a busca por “renda”. Ela era a responsável por levar Seu Bento ao médico, aos exames, a marcar consultas, a procurar remédio pelos centros de saúde. Por vezes Seu Bento não sabia o medicamento que estava tomando, mas Dona Josefa sabia. Por vezes Seu Bento não sabia o dia da consulta, mas Dona Josefa sabia. Nos corredores de espera e nas marcações de

consulta, ela também se atualizava sobre possíveis malefícios de medicamentos e buscava alertava o marido:

“O Bento aqui tomou o capitopril também. Mas começou a tossir, a tossir, a tossir. Não parava mais. A gente não sabia o que era. Mas aí, um dia, eu tava na fila do posto, e eu ouvi uma mulher na fila dizendo que a mãe dela quase morreu tomando o capitopril. Tossia muito também. Aí, eu voltei para casa e disse, ‘Meu velho, chega. Você não vai mais tomar esse remédio. Eu ouvi que pode causar essa tosse aí’. Ele parou de tomar, e parou a tosse de repente. Era mesmo o remédio, né? Depois, a gente marcou uma consulta com o médico e ele falou mesmo que esse remédio dá tosse. Agora, me conta, por que eles passam remédio se já sabem que faz mal para gente? Eu não entendo isso”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

Essa tosse e a falta de ar de Seu Bento era algo que angustiava Dona Josefa. Era uma constante espera por resultados e exames que explicassem os sintomas. A falta de ar de Seu Bento permaneceu por muito tempo, dificultando que pegasse os trabalhos que lhe eram solicitados. Dona Josefa ressaltava, “Tenho pressa, fico afobada porque ele tá sem trabalho. E as contas não param de chegar. Eu trabalho na casa de uma [senhora] japonesa. Vou lá duas vezes por semana. Segundas e sextas. Mas é pouco dinheiro, né?” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009). Essa faxina lhe rendia meio salário mínimo. A renda da casa ficava comprometida sem a participação do Seu Bento. Mesmo assim, ao ser chamado para “assentar uma cerâmica”, ele não recusava a solicitação. Já em outra visita, Seu Bento comentou que não havia conseguido concluir um trabalho no Plano, dada a saúde avariada.

Quando entramos na varanda de Dona Josefa, víamos os retalhos de panos que ficavam em um canto junto com seu carroto de coleta e sua máquina de costura. Após tentar marcar alguns exames de Seu Bento no serviço público de saúde e não obter êxito, Dona Josefa teve que ir para um “particular”. Esses custos influenciaram diretamente na renda. Dona Josefa tentava angariar dinheiro para a casa principalmente através das

faxinas e da costura. Com o carrinho, pegava materiais recicláveis que serviam à costura. Tudo se interligava:

D. Josefa abriu um sorriso ao me ver. Nos abraçamos. Ela estava começando alguma coisa na máquina de costura. “Veja, Soraya, vou fazer um tapete bem bonito para você. Na época que eu pegava coisa nas ruas, encontrava muita lona. Aí, eu já voltava para casa com um litro de Q-Boa. Era jogar para limpar tudinho. Essa lona aqui é muito boa e vai dar pra fazer um tapete bem bonito. Estou pensando em fazer assim, ó”. E correu para dentro de casa para me mostrar o modelo. Voltou com um tapete em forma de coração com pedacinhos triangulares de pano. Bem bonito. “Uma moça me ensinou a fazer e eu peguei rapidinho. Não é muito fácil porque se você erra um, já dá tudo errado. Tem que ser contadinho”. (Diário de campo de Soraya Fleischer, 2009).

Era comum as pesquisadoras não aceitarem os presentes por ela confeccionados, mas oferecer para comprá-los para si e/ou para outras pessoas, num intuito de também contribuir com sua renda e fazer circular seu trabalho.

Mesmo sem “ter leitura”, Dona Josefa encontrou diferentes formas de lidar com a subsistência da família. Em certa ocasião, ficou claro como sua posição de classe era percebida pela vizinhança:

Pois é, eu fui lá ver [o Seu Batista no hospital]. Fui com a Marília. Mas da outra vez que ele tava internado, quando teve o acidente mesmo, eu fiquei muito emocionada. Eu fico muito triste de ver ele assim, numa cama, entubado. É muito triste porque ele sempre foi um homem muito conversador, gostava de conversar com todo mundo. E eu chorei lá e os filhos dele não gostaram disso. Mas, o que eu posso fazer? Eu fico emocionada mesmo. [O casal] sempre [foi] muito [bom] comigo. Nossa mãe! Eu lembro que eu catava papel na rua e, às vezes, encontrava pedaços de ferro. Trazia pro Seu Batista porque ele fazia umas vigas para construção. Ele

trabalhava com obra na época, fazia coisas aí pra casa deles e tal. E, em troca, tudo que é papel que ele encontrava na rua, trazia para mim. Um dia, num beco aqui para baixo, eu vi o filho dele ralar com ele. Não gostou de ver ele carregando lixo por aí. E depois disso eu falei pra ele que eu não queria que ele trouxesse mais papel para mim. Fiquei muito chateada. Ele achou que era por causa do Bento, que o meu marido tava com ciúmes. Que nada! O Bento com ciúmes? Que é isso! Eu falei que não era isso, mas que não queria mais papel. Ele queria porque queria saber por que eu não queria mais. Aí, um dia, eu contei pra ele, que eu tinha visto a conversa no beco. Ele ficou chateado com o filho e continuou trazendo papelão pra mim. Veja só! Assim era o Seu Batista. E eu vejo ele hoje [adoentado] e fico triste. Os filhos deles se acham muito bom, sabe. Muito bom”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

Dona Josefa convivia com Dona Marília e Seu Batista como vizinhos, fazia muitos anos, mas ao mesmo tempo ela ajudava com a faxina na casa do casal quando a senhora ia ao fisioterapeuta. Por mais que fossem vizinhos e houvesse uma relação de afeto, essa última fala de Dona Josefa mostra que as relações também poderiam ser salpicadas por conflitos e assimetrias, mas Dona Josefa atribuía também outros significados ao carroto:

“Quando eu comprei, todo mundo queria meu carroto. Ficavam de olho, queriam comprar de mim. Eu não queria vender, era meu, eu usava todo dia. Depois, resolvi vender. Tava cansada, muito sol na cabeça, decidi vender. Mas não apareceu ninguém querendo pagar, acredita? Nessa hora, não apareceu ninguém. Ah, eu comprei, paguei um preço, não vou dar de graça, né? Vendi por um preço menor, mas vendi. Mas vira e mexe eu vejo as latinhas por aí, dá vontade de voltar a pegar”.(Diário de campo de Soraya Fleischer. 2014).

O carroto significava uma época em que Dona Josefa saia pelas ruas da Guariroba em busca de renda para a família, mas também representava uma liberdade de transitar por espaços e conhecer pessoas na Guariroba.

Após encaminhamentos e idas às consultas, Seu Bento começou a apresentar alguma melhora e ao ser questionado sobre como estava se sentindo, ele respondeu que estava “muito melhor, Soraya, agora estou conseguindo trabalhar de novo, consigo respirar e tudo” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009). Seu Bento voltava a trabalhar e a contribuir com a renda da casa e dava a Dona Josefa algum alívio:

"E agora, graças a deus, ele tá melhor, tá trabalhando de novo. Porque, o que mais me preocupa, é esse tanto de conta que não para de chegar. Afe. Se eu tiver meu arroz e feijão, tá tudo bem. Eu nem preciso de carne todo dia. Nem preciso, mas tendo meu arroz com feijão, tá ótimo. Mas as contas não param de vir. E como é que a gente faz se o Bento não trabalha? Tem que voltar logo mesmo". (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

Em uma das suas conversas em sua varanda, Dona Josefa disse uma frase que marcaria minha reflexão sobre sua forma de envelhecer. Ela disse que “a velhice chega, a doença chega”. Ela tinha razão quanto à chegada da velhice e da doença, mas muitas outras coisas chegavam com o envelhecer, enquanto outras sempre estiveram ali e sempre estariam, como as contas. Dona Josefa estava comunicando que sua preocupação girava em torno de coisas que eram necessárias todos os dias, como o "arroz com feijão". Dona Josefa já trabalhava em outra casa, mas como Seu Bento estava sem trabalho, aceitou uma proposta de trabalhar em mais uma casa. Nessa época eram duas casas e seis faxinas por semana. Em uma casa ela ia duas vezes e na outra quatro. Mesmo com as faxinas e o cuidado de Seu Bento, ela encontrava tempo para participar do coral da Igreja, atividade que muito lhe agradara, e também se manter presente na casa de irmãos da igreja que estivessem doentes e entristecidos.

Em outro momento, Dona Josefa comentou que finalmente tinham conseguido um exame para Seu Bento. O exame indicava o diagnóstico de "hipertensão pulmonar com fibrose". Primeiro a tosse, depois a falta de ar diagnosticada como asma e depois uma possível “hipertensão pulmonar com fibrose”. Como a equipe de pesquisa notou ao longo

dessa convivência de muitos anos, a busca por uma definição etiológica continuava, assim como a dificuldade do Seu Bento em trabalhar e a constante preocupação de Dona Josefa com o orçamento da casa. Nessa consulta com um “especialista”, como chamara Dona Josefa, um filho foi acionado para levar o pai de carro. Se fossem de metrô ou de ônibus teriam que andar um pedaço do trajeto a pé para chegar até o hospital e o exame recomendava que o paciente não chegasse cansado ou ofegante. Por mais que houvesse um filho que morasse com Dona Josefa, as solicitações aos filhos eram feitas em situações esporádicas, enquanto grande parte do trabalho doméstico, remunerado e de cuidado concentrava-se com a dona da casa.

Dona Josefa e Seu Bento também faziam a “feira” da casa. Nas vezes em que Seu Bento não conseguia levar as sacolas com as compras, era Dona Josefa quem carregava e ainda dizia para o marido deixar de “besteira” quando o mesmo ficava incomodado com a quantidade de sacolas que a esposa levava. Dona Josefa e Seu Bento utilizavam muito o transporte público. Seu Bento já possuía a carteira que comprovava sua idade e lhe garantia o acesso gratuito ao ônibus, mas Dona Josefa ainda não, embora também tivesse alcançado a idade.

Em algumas idas à casa de Dona Josefa, ficávamos sabendo de pessoas das redondezas que estavam doentes, que tinham falecido ou mudado, dentre outros assuntos. Mas às vezes a notícia vinha de alguém muito próximo, como sua irmã ou um sobrinho. Sua única irmã de 80 anos havia tido complicações na diabetes, sido internada e estava em coma. Ao contar sobre o encontro com a irmã numa das visitas que fez ao hospital, as lágrimas começaram a rolar. Ela se definia como “muito emocional”.

"É muito triste, minha irmã, ver ela assim. Lá, sozinha naquela cama, sem mexer nada. Ainda antes de ela ter esse problema, eu encontrei com ela e tava boazinha. Ela vivia lá pra banda do Recanto [das Emas], sozinha. Eu queria cuidar dela e tudo, mas como? Com o Bento doente e com meu trabalho, eu não conseguia ir lá. Eu queria ir lá, fazer uma faxina boa na casa dela, de vez em quando. Ajudar a cuidar da casa dela e tudo. Mas não dava". (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2010).

Por mais que Dona Josefa quisesse ajudar a irmã em sua casa ou até mesmo no hospital, ela estava limitada pelo seu trabalho e o cuidado que tinha com o marido. Ela expressava suas angústias e preocupações tanto as pesquisadoras que ali estavam, quanto ao próprio marido. Sua irmã internada tinha filhos, “mas cada um têm sua vida”, como disse. Dona Josefa sabia que em sua vida tinha que caber Seu Bento, seus filhos e seu trabalho, mas ainda assim tentava, sempre que possível, incluir outras vidas na sua.

Perto do final dessa visita, Seu Bento foi questionado sobre sua relação com Dona Josefa. Seu Bento comentou que “Ah, mas eu sou [sortudo] mesmo. Não sou nada sem ela aqui. Nada!”. Ao ser colocada a sua importância em relação à casa e a família, Dona Josefa disse que “O difícil, sabe minha filha, é que eu sou o arrimo. Tenho que trabalhar para pagar as contas, se não, não dá”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2010).

A palavra “arrimo” foi injustamente definida como um substantivo masculino pela norma culta da língua portuguesa. Ao mesmo tempo em que ela pode significar uma peça ou lugar em que alguém ou alguma coisa se encosta ou se apoia; também pode significar um indivíduo ou situação que pode servir de auxílio, proteção, apoio afetivo, financeiro, etc. Dona Josefa era o substantivo em seu duplo sentido. Ela reconhecia o peso em ser “arrimo”.

Tempos depois, o filho que morava com Dona Josefa passou em um concurso, o que foi motivo de muito orgulho da mãe. Ela mostrava orgulhosa a TV LCD que seu filho havia lhe dado, e também o computador, o telefone fixo e a internet que ofereceu à casa. O filho também comprou um carro que passou a ocupar parte da varanda da casa. Dona Josefa pode deixar de trabalhar em uma das casas onde fazia faxina e abriu mão de seu carro.

Mas Dona Josefa e Seu Bento continuavam em busca de um diagnóstico e agora a falta de ar do marido enquanto dormia era sinônimo de preocupação para a esposa. Dona Josefa estava sempre fazendo alguma coisa e em uma das últimas visitas a sua casa ela estava fazendo bombons caseiros para vender na Páscoa e um novo item ocupava sua sala de estar, uma “bala de oxigênio”. Seu Bento disse que o aparelho era utilizado apenas na hora de dormir. Depois da asma, da apneia, ele se encontrava com o diagnóstico da “tal da DPOC”, como ele colocou. A “Doença pulmonar obstrutiva crônica” é uma doença grave, crônica e muito incapacitante, bastante comum entre os brasileiros.

Não era apenas a bala de oxigênio que havia entrado na decoração da sala. A sala tinha novas cores, uma parede azul e a outra amarela e a varanda/garagem contava com cerâmica por inteiro. Dona Josefa relatou que foi Seu Bento quem realizou o serviço, nas palavras dela “levou uma semana inteira, mas foi ele que fez” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2014). O tempo e a pesquisa seguiram, assim como outros aspectos da vida desse casal.

No início da pesquisa na Guariroba, Dona Josefa ainda recolhia material reciclável, principalmente latinhas e garrafas pet, ao final, o carrinho inexistia, tinha sido vendido. O vizinho, Seu Batista e a irmã de Dona Josefa haviam falecido; o filho encontrara um trabalho público e estável; um dos netos tinha tido um filho e se mudara para o Pará; as almofadas, tapetes e bombons, menos cansativos de fazer do que a faxina na casa dos outros, vinham encontrando cada vez mais saída entre as clientes.

\*\*\*

As semelhanças entre Dona Josefa e Dona Marília são muitas e essenciais no momento de pensar os envelheceres. Se o envelhecimento é entendido enquanto um processo, supõe-se que há um conjunto de fatores que perpassam esses corpos em envelhecimento e que os consolidam como parte desse grupo que compartilha um processo semelhante, nesse sentido ele é homogeneizante. Ele consolida as semelhanças que estão inseridas nesse processo. É nesse sentido que procuro no verbo envelhecer um processo e espaço que demarque e consolide uma continuidade, uma ação e que demonstre que através das semelhanças também encontramos a heterogeneidade.

Assim, por mais que as pessoas façam parte de um grupo geracional e compartilhem de signos semelhantes, elas têm recortes que tencionam suas diferenças. Dona Marília e Dona Josefa trabalharam na lida rural, vieram do contexto rural, eram as principais cuidadoras dos seus maridos, possuíam muitos filhos e netos, moravam em outros locais antes de se fixarem na Guariroba e eram aposentadas, mas as duas não envelheceram do mesmo jeito.



Por mais que as duas fossem cuidadoras, Dona Marília contava com uma rede de auxílio que aliviava o cuidado para com Seu Batista, enquanto Dona Josefa não contava com uma rede extensa de auxílio e era a principal responsável pelo cuidado de Seu Bento. Mesmo os dois casais sendo aposentados, suas preocupações giravam em torno de eixos diferentes. Na narração de Dona Marília havia espaço para as suas dificuldades em cuidar e ser a cuidadora de Seu Batista. Por mais que a narração de Dona Josefa também falasse do cuidado e do adoecer, a fala era perpassada pela constante preocupação com a “renda”, seus diversos trabalhos, com as contas que não paravam de chegar e a falta de trabalho de Seu Bento. Os recortes tendem a tencionar as diferenças que caracterizam o envelhecer.

Dona Josefa trabalhava e continuava esperando que Seu Bento trabalhasse para auxiliar na renda, já que a aposentadoria não era suficiente para suprir os constantes gastos com medicamentos, consultas, alimentação, etc. Dona Marília e Seu Batista também eram aposentados, mas a rede de auxílio era capaz de suprir as finanças da casa e os mesmos não precisavam direcionar constantes preocupações à "renda". Dona Josefa não possuía "leitura" e Dona Marília sim, abrindo ao longo da vida diferentes oportunidades de trabalho e valores às duas senhoras.

Não quero com isso colocar as duas histórias e narrações frente a frente e demarcar que de um lado temos a presença e do outro lado a ausência. Pelo contrário, quero demarcar como o envelhecer para essas duas famílias que chegaram a esse bairro e se instalaram nessa mesma rua não foi semelhante. Da mesma forma que não seria para outra Dona que morasse naquela mesma rua e não possuísse filhos, por exemplo. Os recortes de raça, gênero, idade, geração, escolaridade, classe e corpo tinham e abriam impactos diretos sobre as possibilidades de envelhecer.

Caminho agora para outro extremo etário e com essa relativização talvez possa ficar mais clara as tensões que os recortes possuem sobre o envelhecer. Farei um paralelo com o texto de Maria Luiza Heilborn (2002). Com pesquisa multicêntrica realizada em Salvador, Porto Alegre e Rio de Janeiro, a autora tenta compreender a construção sobre a gravidez na adolescência enquanto um problema social. A autora discorre então sobre uma constante preocupação por alguns setores da sociedade na demarcação da gravidez na adolescência principalmente através do "critério estritamente etário". Essa gravidez aconteceria entre os 10 e 19 anos, mas essa delimitação médica é muito ampla e não cobre

realidades muito distintas. Assim, a autora levanta algumas questões, que podem aqui servir de modo comparativo:

Restringir o escopo etário não responde, contudo, a diversas questões espinhosas. Há outros dilemas na definição: a estratégia de incorporar o pai na cena abre a possibilidade de só ele ser um adolescente – nessa eventualidade, a designação de gravidez na adolescência deve ser mantida? Há uma distinção sociologicamente significativa entre uma gravidez na qual apenas um dos parceiros é adolescente daquela que ocorre entre dois adolescentes? A condição etária dos genitores não merece estar subordinada ao fato de a gravidez ocorrer dentro ou fora dos marcos de uma relação conjugal? Sendo a gravidez na adolescência comumente associada a uma ausência de planificação (falta de informação, ignorância dos métodos contraceptivos, etc.), é pertinente aplicar a designação para os casos em que a gestação decorre de uma programação dos parceiros? E ainda, está-se diante de um mesmo fenômeno que atinge e tem repercussões iguais sobre todos os adolescentes, independentemente dos contextos socioculturais nos quais se inserem? (Heilborn. 2002, p.20).

Como a autora coloca, todas as questões levantadas perpassam o privilégio que o recorte etário possui sobre outras formas de delimitar e delinear problemas, trajetórias e histórias. Isso obscureceria uma gama de variáveis e recortes possíveis para complexificar o fenômeno da gravidez na adolescência. Não estariam os estudos sobre o envelhecimento tendo como principal critério de compreensão do fenômeno a faixa etária? Que outras facetas da vida social estariam sendo obscurecidas se focamos na etariedade como principal critério de estudo e comparação nos estudos sobre o envelhecimento?

O envelhecimento tem como principal marca de delimitação a faixa etária, essa mesma que levará a uma homogeneização de experiências e relações. Se depois dos 60 anos caracterizamos todos os corpos como parte de uma “terceira idade”, conforme Debert estudou (1996), esquecemos o leque de diferentes experiências que demarcariam décadas de vivência.

Todas as temporalidades, espacialidades e relações ficam obscurecidas se grifamos a etariedade como principal qualificador de uma existência. O que caracterizo como envelhecer pinta a ideia de continuidade e demarca que os recortes dos mais diferentes e diversos vão impactar os corpos de diferentes maneiras e fazer com que o envelhecer desses corpos sejam distintos.

No capítulo um busquei trabalhar a migração através dos espaços pelos quais os corpos em envelhecimento percorriam. No capítulo dois illustrei que não é o fato de os corpos compartilharem trajetórias semelhantes, que eles experimentam um envelhecer semelhante, pelo contrário, mesmo que Dona Josefa e Dona Marília possuíssem trajetórias semelhantes, o acesso a diferentes oportunidades tanto em relação a renda, a assistência familiar, o acesso ao sistema de saúde público e privado geravam diferentes responsabilidades, possibilidades, preocupações, afetos e envelhecer. Já no Capítulo Três passarei de sujeitos e tempos a espaços, e um par deles ajudará a discutir o envelhecer.

## Capítulo Três

### Espaços

Optei aqui por tratar o espaço enquanto coisa. A trajetória que me levou a pensar o espaço dessa maneira será apresentada mais abaixo através de outro espaço. Se a leitora me acompanhou até aqui, deve ter percebido que estou tentando pensar o envelhecer não apenas através do tempo, mas também através dos espaços, pois creio que os mesmos importam quando falamos em envelhecer. Nas muitas leituras e diálogos que tive com as muitas Donas que me foram apresentadas, por mais que a casa fosse o espaço onde as mesmas passavam parte do dia, ele não era o único espaço pelos quais circulavam. A migração de Dona Irene, Dona Marília e Dona Josefa para o planalto central também representa uma passagem por espaços.

Uma Dona poderia acordar de manhã, comprar o pão para tomar com o café, depois voltar para casa e ir ao centro de saúde pleitear uma consulta, receita ou um remédio. Caso não conseguisse o remédio poderia ir até uma farmácia. Depois voltaria para casa, prepararia o almoço para o filho que retornaria do trabalho ou para a neta que iria à escola pela parte da tarde. Já no período da tarde iria até o supermercado fazer a feira, pagar uma conta ou buscar a aposentadoria. À noite poderia ir à igreja, ao forró ou à um grupo de oração. Essas pessoas que estão em processo de envelhecer estão sendo perpassadas não apenas por temporalidades, mas também por espacialidades. Estão circulando, estabelecendo relações com e a partir de diferentes espaços. O que quero é frisar que o envelhecer não se estabelece apenas através do tempo, perpassa também os espaços que estão sendo produtores de relações e relações que são criadoras de novos espaços.

Um corpo que envelhece ligado a aparelhos em um quarto de hospital gera um tipo de corpo e pessoa, como a internação de Seu Batista antes de seu falecimento. Assim, como envelhecer indo ao forró toda terça, quinta e sábado, gera um tipo de corpo e pessoa, como as colegas do grupo de ginástica de Dona Irene. O espaço, assim como o envelhecer, pode ser lido como "coisa relacional", como agente que produz coisas no mundo, pois ao

mesmo tempo em que ele é construído através das relações, ele constrói relações, representações e memórias. O espaço se apresenta enquanto possibilidade de ser a partir de suas regras, etiquetas e relações. Aqui, escolho adentrar três diferentes espaços: a sala de aula, a casa e o forró.

## Sala de aula

As escolhas que tomamos no momento de escrever a monografia podem perpassam diversos caminhos. A sala de aula foi um componente que marcou a forma como eu delinear e escreveria sobre o envelhecer. No Capítulo Um, a escolha de mostrar a chegada à Guariroba através dos espaços que minhas interlocutoras e suas famílias percorreram, não foi por acaso. A influência de pensar as pessoas através das coisas e as coisas através das pessoas foi um caminho de intenso diálogo entre sala de aula, análise de dados e escrita do texto etnográfico. Esses três momentos se conectaram e aqui quero descrevê-los.

No segundo semestre de 2015 me matriculei em uma disciplina intitulada “Tópicos especiais 4: Teoria Antropológica e Dádiva”, ministrada pelo professor Luiz Eduardo Lacerda de Abreu. Sentávamos em roda e duas vezes por semana liamos, discutíamos e pensávamos a Teoria da Dádiva. Passamos por diversos autores, mas duas discussões nos primeiros meses de aula criaram raízes e me instigaram a pensar outros fenômenos fora dali. Entre os textos da ementa estavam o “Ensaio sobre a Dádiva” de Marcel Mauss (2003) e a “Introdução à obra de Marcel Mauss” escrita por Lévi-Strauss (2003).

Com Mauss, discutimos a reciprocidade, as prestações totais e de tipo agonística, o interesse e desinteresse, dentre outros temas. Tencionávamos a teoria que estávamos começando a aprender, mas a discussão entre pessoa e coisa me levava a extrapolar a sala de aula e me fazia pensar o envelhecer através dessa relação. A pessoa é diferente da coisa? O que torna uma coisa uma coisa e uma pessoa uma pessoa? As pessoas podem ser reduzidas a coisas? Qual a relação entre nós (pessoas) e eles (coisas)? As pessoas, por

vezes, podem passar por processos de vida que as coisificam? Essas foram questões que tentávamos mediar e que ainda hoje me inquietam.

Lévi-Strauss começou a “Introdução à Obra de Marcel Mauss” (2003) com uma estratégia argumentativa onde colocou que “somente aqueles que conheceram e escutaram o homem [Mauss] podem apreciar plenamente sua fecundidade e fazer o balanço de sua dívida em relação a ele” (p. 11). Dentre algumas críticas de Lévi-Strauss, a mais marcante foi de que Mauss teria se deixado mistificar pela teoria indígena. Com isso, Lévi-Strauss instigou o amor e ódio entre as estudantes da disciplina, além de ótimos debates.

Lévi-Strauss colocava que a troca conseguia ser um denominador comum de uma variada gama de atividades sociais, que à primeira vista podem ser aparentemente heterogêneas entre si. Se a troca não é dada, ou seja, se ela é necessária e se não é automática, é preciso construí-la. A troca dessa forma é uma abstração dos fatos, ela não é dada na realidade. O que observamos na realidade é a troca de um objeto passar da mão de uma pessoa à mão de outra, mas a dádiva - dar, receber, retribuir - é uma construção, não a realidade em si. Lévi-Strauss coloca uma premissa que seria o fio condutor do texto, de que toda e qualquer cultura pode ser considerada enquanto um conjunto de sistemas simbólicos no qual está inserida a linguagem, as regras matrimoniais, a arte, a ciência, dentre outros. Todos estes sistemas visavam exprimir a realidade física, social e também o tipo de realidade que estes sistemas simbólicos mantinham entre si. O social só consegue se tornar real, se integrado num sistema.

Assim, as relações não fazem parte da observação puramente empírica, mas sim a forma como o pesquisador a simboliza. A ação só teria significado com o sentido. As três obrigações são a maneira pelo qual a teoria indígena lidaria com a troca, mas essas três obrigações não seriam capazes de abarcar o todo, pois o todo está no inconsciente. O ponto é que a realidade não está no visível, mas sim na estrutura. Dessa forma a obrigação não é o real, mas sim a troca. A troca seria uma forma de comunicação, já que Lévi-Strauss considera que a troca não opera apenas no nível material. A realidade é que torna possível o visível, mas é a partir da estrutura que significamos o mundo. O sistema simbólico seria composto por signos integrados em relação e tal sistema estaria presente no inconsciente. Nesse sistema o indivíduo e o social se confundem, pois uma das prerrogativas para

participar de uma sociedade é que todos os indivíduos compartilhem do sistema, só dessa forma é possível o estabelecimento da comunicação. O inconsciente seria então onde a objetividade e a subjetividade se encontram, e ele atua enquanto mediador entre mim e o outro.

Mauss e Lévi-Strauss fizeram com que as questões sobre troca, pessoas, coisas e o simbólico permeassem minha análise e (re)leituras dos diários de campo da pesquisa na Guariroba no semestre seguinte, no início de 2016. Por isso que a escolha de iniciar o Capítulo Um, apresentando os espaços e pessoas, não foi uma escolha espontânea. Ela foi permeada por várias autoras que me acompanharam até aqui e propiciaram novas reflexões. O espaço pode então ser entendido enquanto uma realidade permeada por sua fisicalidade e as relações, não sendo dado, mas sim construído, assim como a troca. Ao mesmo tempo, o espaço é uma construção social permeada por um sistema simbólico que o circunscreve. Ele ainda pode ser pensado enquanto coisa que mantém relação com as pessoas, que são as responsáveis pela construção desse mesmo espaço. Nesse sentido, assim como a troca, o espaço pode ser encarado como forma de comunicação e de comunicar.

A reflexão entre pessoa e coisa não parou nessa disciplina. No começo de 2016, “Antropologia Econômica” foi ministrada pela professora Kelly Cristiane da Silva. A reflexão sobre troca, pessoa e coisa seguiu. Mais nichos foram abertos para pensar o tema do envelhecer com outros autores.

Por exemplo, Arjun Appadurai (1986) trouxe a ideia de que o valor é corporificado nas mercadorias trocadas. Além disso, o que cria a ligação entre o valor e a mercadoria é de conteúdo político. O valor não é inerente ao objeto e durante a troca econômica é que o valor do objeto é determinado. A mercadoria poderia ser vista como coisa que, numa determinada fase de sua carreira e em um contexto particular, preenche os requisitos de candidatura ao estado de mercadoria. E em outro momento histórico pode não ter mais esses requisitos e se tornar outra coisa. Esse estado de mercadoria é mutável, pois como as pessoas, a mercadoria possuía uma vida social.

Já Igor Kopytoff (2008) corrobora esse ponto com a ideia de que a construção da mercadoria passa por um processo cognitivo e cultural. E que, apesar de a coisa ser uma coisa, ela tem possibilidade de ser mais coisas do que apenas um dos seus estados atuais,

pois as coisas são culturalmente construídas e culturalmente determinadas. A coisa dependeria do espaço, do tempo e das determinações sociais para durante a sua trajetória ser uma coisa e não outra. Há sempre a força da possibilidade na coisa. A moralidade, a crença ou o mito muitas vezes vão determinar se a coisa pode ser destinada à troca ou não. Podemos explicar a coisa através de sua biografia, assim como as pessoas, através dos caminhos que percorrem e dos tempos. Para o autor, algumas perguntas deveriam ser feitas às coisas, assim como às pessoas, se fossemos utilizar a biografia enquanto forma de análise:

Ao fazer a biografia de uma coisa, far-se-iam perguntas similares às que se fazem às pessoas: Quais são, sociologicamente, as possibilidades biográficas inerentes a esse "status", e à época e à cultura, e como se concretizam essas possibilidades? De onde vem a coisa, e quem a fabricou? Qual foi a sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as "idades" ou as fases da "vida" reconhecidas de uma coisa, e quais são os mercados culturais para elas? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim? (Kopytoff, 2008. p. 92).

As perguntas que podem ser feitas a uma coisa para que entendamos a sua carreira e possamos vislumbrar suas possibilidades, também devem ser feitas aos diferentes espaços. Pensando a criação do espaço, seu "status", possibilidades, de onde veio, como foi fabricado, suas etiquetas, quais são seus usos e se é finito. Todas essas questões nos auxiliam a pensar o mesmo por si e sua relação com as pessoas.

As coisas podem ser pensadas através de uma agência, que muitas vezes é atribuída apenas às pessoas. Pretendo pensar o espaço enquanto coisa que interfere na forma como nos relacionamos, afetando e sendo afetado pela dinâmica da vida social. A trajetória das pessoas no Capítulo Um, especialmente ilustrada por Dona Irene, demarcou como os diferentes espaços vão criando diferentes relações, assim como diferentes relações criam diferentes espaços. Utilizo a ideia empregada por Igor Kopytoff de biografia das coisas para lidar com o espaço enquanto coisa que é construída por um processo cognitivo, sendo



também culturalmente determinado e tendo possibilidade de ser muitas coisas. Através da análise do espaço consigo falar do envelhecer.

Como Soraya Fleischer e Fabiene Gama (2016) colocam “se não há métodos pré-definidos na Antropologia, se eles costumam ser desenhados conforme o tema, o campo e as pessoas que conhecemos, é importante construirmos um repertório de experiências” (2016, p. 125) e essas experiências são construídas em diálogo com nossas interlocutoras, colegas, autoras, professoras e também disciplinas. Esses repertórios de experiências que nos iluminam são construídos e constituídos coletivamente. Inspirei-me, portanto, em repertórios metodológicos, teóricos e éticos, ao longo da pesquisa e da escrita.

## Casas

A casa de Dona Eloísa tinha um espaço na frente que servia como garagem, muitas plantas sobre prateleiras, sobre o chão e penduradas. Dona Eloísa tinha 76 anos, olhos azuis, pele branca e cabelo louro escuro. A sala tinha dois sofás, uma estante com uma TV, rádio e tocador de fitas. Em outra estante havia bibelôs e em uma mesinha com três porta-retratos com a neta e bisnetos. Já sobre a estante tinha uma foto colorida artificialmente dos pais de Dona Eloísa. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

Dona Eloísa nasceu em Araxá/MG, foi para uma cidade do interior de Goiás e depois veio para Brasília. Em Brasília ela e seu falecido marido, que trabalhou na construção civil, moraram inicialmente em Taguatinga e só em 1982 foram para a Guariroba, trajetória similar à Dona Irene e Dona Marília. Como contou Dona Eloísa, “Aqui, não tinha nada. Era poeira só. Eu passei três meses chorando, não gostava daqui. Lá em Taguatinga tinha tudo, asfalto na porta, ônibus, tudo. Aqui, era uma tristeza. Só passava um ônibus ali na pista e olhe lá. Não tinha outro carro nenhum” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009).

Dona Eloísa já tinha feito mudanças na casa, expandido a sala, aumentado um quarto, construído um barraco nos fundos, onde morava um neto. A casa inicial da SHIS que era composta basicamente por um quarto, sala, banheiro e cozinha foram ganhando outras dimensões e respondendo à demanda dessas famílias. Um barraco nos fundos foi

um novo espaço construído por essas famílias muitas vezes no intuito de abarcar os filhos e netos que casavam, mas não possuíam ainda condições financeiras para morar em outro espaço e permaneciam na casa desses pais/avós.

Andréa Lobo (2010) traz um contexto em África - Cabo Verde - que ressalta a importância do parentesco nas relações sociais. O argumento central da autora é que para que a mãe se sinta mãe plenamente, essa trajetória só irá se concretizar em uma temporalidade de duas gerações. Em Cabo Verde, um ciclo começa com o nascimento de um filho e só se encerra plenamente quando a mulher se torna avó. Uma geração não é o bastante para que o ciclo de maternidade seja concluído. O principal fator que contribui para a não conclusão desse ciclo seria a migração. Após a maternidade, muitas mães migravam para trabalhar na Europa e as avós ficavam responsáveis pelo cuidado dos netos.

O conceito “partilhar” é central para entender o contexto familiar (Lobo, 2010), onde a família é resultado de um conjunto de cooperações entre pessoas. É regido e percebido como construído cotidianamente. O papel da avó se concentrava nos aspectos práticos de cuidado do dia-a-dia e a mãe era responsável principalmente por prover o núcleo familiar. A relação conjugal dessas mulheres se tornava estável principalmente na velhice, quando costumavam “casar no papel”, geralmente com o “pai do primeiro filho”.

Assim, os netos nesse contexto são sinônimos de trazer “vida” à casa, além de serem garantidores de recursos materiais e simbólicos para o núcleo familiar que o mesmo habita. Ter muitos netos que compartilham comida, casa e cama, fazem de uma mulher avó. Ser avó não é o mesmo que ser mãe nesse contexto, por mais que essas avós sejam responsáveis pelo cuidado cotidiano dessas crianças, mas ser avó, como colocou Andréa Lobo, é também ser mãe.

Na Guariroba, as avós muitas vezes são responsáveis pelo cuidado dos netos, pois as mães e pais das crianças trabalhavam na Ceilândia, em outras cidades do DF ou em seu entorno. Se em Cabo Verde as unidades domésticas são fortemente centradas na figura da mãe-avó, na Guariroba essas mulheres também se estabeleciam como figuras centrais de renda, cuidado e auxílio.

Em alguns casos quando os netos ainda eram pequenos ou estudantes do ensino fundamental, eram as avós as responsáveis pelo cuidado dos mesmos. Faziam as refeições, levavam para a escola, davam banho, etc. A terminologia “avó” está ligada a conceitos de “casa” e “família” (Lobo, 2010). Se na vinda para a Guariroba o espaço poderia ser capaz de arcar com as circunstâncias da vida, com o envelhecer das pessoas e das casas, as mesmas vão se modificando e respondendo as demandas sociais. Essa expansão da casa também era resultado da expansão dos relacionamentos que só foram possibilitados pelo envelhecer.

Em uma visita a Dona Josefa e Seu Bento e conversando sobre o processo de conseguir a casa na Guariroba, eles disseram que, anos atrás, a casa saiu em um dia e eles mudaram no dia seguinte, e que o caminhão chegou pelo que hoje é o fundo da casa porque na frente tinha “muito buraco”, “uma tapera na frente”. Dona Josefa contou que para lavar louça tinha que ir até um córrego que era próximo, que lá era perigoso porque era cheio de “malandro” e que juntavam um grupo de mulheres para ir lavar a roupa e colocavam “os meninos” para ficar mais “pra cima” para vigiarem e verem se havia alguma movimentação estranha, que qualquer coisa eles desciam correndo para avisá-las. (Diário de campo de Ana Clara Damásio. 2014).

Dona Josefa e Seu Bento explicavam que a casa original era só o cômodo que hoje era a sala e o quarto do filho que morava com eles. “Aqui, nesse espaço, tinha um quarto, uma sala, uma cozinha e um banheiro”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009). Os dois filhos dormiam juntos em uma cama e o caçula dormia em outra cama, mas no mesmo quarto. Muitas mudanças ocorreram. Quando nós os conhecemos, o filho tinha um quarto separado e contava com cama, estante, computador e armário. O banheiro estava com ladrilhos. O quarto do casal, agora independente e mais para o fundo onde a casa ficava sossegada dos agito da rua, tinha uma cama, televisão, cômoda e um armário. Dona Josefa ainda continuava pensando em modificações possíveis: “Mas toda a fumaça que eu faço na cozinha vai pra dentro do meu quarto. Eu quero mudar isso. A porta tem que ficar mais pra lá, na frente do banheiro. Eu queria também uma suíte, um banheiro só pro meu quarto aqui pra fora da varanda” (ibid). A cozinha espaçosa contava com ladrilhos brancos até o teto e atrás da cozinha se estendia uma varanda com armário de metal antigo, mesinha e varal. Dona Josefa tinha vontade de fazer ali uma casa dos fundos,

como ela disse, “Aí, dava para alugar e tudo. Mas o Bento não quer de jeito nenhum. Não aceita essa ideia” (ibid). No fundo do lote, Dona Josefa apontou para o muro e relatou que “Esse muro aí, foi a gente que fez. O vizinho não queria fazer e era baixo o muro. Nós que tivemos que fazer” (ibid). A pequena e apertada casa inicial, a falta de ônibus, falta de água, a poeira, tudo foi sendo alterado com o tempo, assim como essas famílias que aqui chegaram e ajudaram a construir um espaço completamente diferente do inicial.

Em uma das visitas, Dona Josefa e Seu Bento estavam rebocando uma parede de um corredor que dava para os fundos da casa. Depois de rebocado, Dona Josefa explicou que “Eu nunca pinteí essa casa, Soraya. Todo mundo por aí pinta a casa. Eu não” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009). Mais à frente após ser indagada sobre a cor que queria pintar a casa, ela disse que gostaria que fosse “Toda azul. Mas azul clarinho, sabe. Não azulão, não” (ibid). A casa continuava mudando, assim como essas mulheres e homens que habitavam essas casas. A transformação na renda, na chegada de filhos e netos, na aquisição de um carro, modificavam a relação com a casa e com o bairro. O bairro entrou em consonância com as mudanças que ocorreram nas casas, como veremos no espaço do Forró.

O movimento que o tempo realiza não é apenas nos corpos dos que estão envelhecendo, mas também em plantas que nascem e morrem, nos filhos que vão crescendo e na casa que vai mudando. Por mais que morassem à décadas em uma casa e em um bairro, a mesma não parava de mudar, assim como a rua, as pessoas e suas relações.

À certa altura da conversa, Seu Bento expressou uma vontade de vender a casa, como ele disse, “Trocar por outra mais barata e ficar com o dinheiro” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2009). Essa diferença ele entendia e definia como uma espécie de “aposentadoria”. Dona Josefa foi enfática: “Essa casa tem um pedaço do meu coração.

Eu não quero sair daqui. Ele vive com essa história, fala isso há muito tempo” (ibid). Seu Bento continuou: “Ah, mas seria bom ir pro Recanto, pra outro canto aí. Lá, a gente não precisava conviver com ninguém, conhecer ninguém” (ibid). Após ser questionado se não sentiria falta das pessoas que conheceu e estava acostumado, ele responde que “Ah, faz outros amigos lá. Eu nunca tive problema com vizinho aqui, mas eu ia gostar de morar num lugar que eu não conheço ninguém. Aí, posso escolher só os legais para conviver” (ibid).

Conhecer as pessoas na rua envolvia uma série de relações que só seriam desenvolvidas com anos de convivência, mas a casa entra na lógica do “coração” para Dona Josefa e não era vista enquanto mercadoria ou algo trocável. Não conhecer ninguém em um novo lugar acarretaria outros tipos de relações e obrigações, diferentemente das que estavam ali estabelecidas naquele espaço. Talvez tivesse menos fofoca e por isso talvez tivesse menos conflito pelo menos por algum tempo. Mas talvez também tivesse menos laços, menos amigos, menos apoio nos momentos difíceis.

## Forró

Foi através de Dona Laura, que frequentava um grupo de ginástica do centro de saúde que um grupo de pesquisa ficou sabendo de um forró que ocorria ali mesmo na Guariroba. O forró ocorria em uma Associação Comunitária de Moradores às quintas e sábados com uma banda. Já às terças, o encontro era sem banda ao vivo, apenas com o som mecânico.

Antes o forró acontecia apenas com o aparelho de som, mas as pessoas começaram a reclamar e por isso passou a ocorrer com as bandas ao vivo, mas era cobrado cinco reais na entrada para arcar com os custos. Dona Fátima, a “dona do forró”, dizia que apesar do valor da entrada ser usado para pagar a banda, tanto o lanche e demais refeições oferecidas naquele espaço eram sempre gratuitas. Como disse Dona Fátima, “Ninguém paga pra vir comer aqui, de jeito nenhum” (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2012).

A associação funcionava dentro de um grande galpão. Ao entrar, as pesquisadoras viram um primeiro cômodo bem grande e aberto. Lá havia várias cadeiras encostadas às paredes onde muitas pessoas estavam sentadas. Elas estavam assim agrupadas de tal forma a deixar um grande espaço para aqueles que quisessem dançar no centro do galpão. Na parte de trás havia mais alguns espaços. À direita ficavam os banheiros, na parede deste por fora, um espelho onde dava para se ver por inteiro. Entre o banheiro e a cozinha havia um pequeno palco, onde a banda se apresentava.

Duas senhoras vendiam as entradas, que vinham com direito à uma cartela de bingo. Do outro lado ainda na parte da frente, havia uma grade, onde algumas pessoas

observavam o evento, porém não participavam (Diário de Campo de Monique Batista. 2012). No meio do salão vários casais dançavam animados. Do lado de fora do salão, havia uma parte coberta com duas mesas, onde as pessoas jogavam dominó. (Diário de Campo de Polliana Machado. 2012). Na associação ocorria também ginástica e aulas de alfabetização.

Nos cantos do salão havia as cadeiras para descanso, para as pessoas que iam apenas ver o forró e para as que não dançavam. O espaço também se desdobrava em um ambiente de jogos como o dominó e o bingo que ocorriam ao final de cada forró. Algumas senhoras ainda utilizavam o espaço de grande circulação de pessoas no dia da festa para vender seus produtos e angariar alguma renda.

As pessoas queriam o forró ao vivo e por isso duas vezes por semana a banda se apresentava. O meio do galpão ficava livre para que os casais pudessem dançar das mais diferentes maneiras. Muitos casais, enquanto dançavam, pareciam mecânicos e nada erotizados ou amorosos. Outros, mais ou menos distantes corporalmente, estavam evidentemente mais envolvidos, conversavam ao pé do ouvido, davam beijos, passavam as mãos pelo corpo um do outro. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2012).

Dona Fátima trabalhava na associação há mais de 18 anos, mas não foi à criadora do mesmo, havia sido outra senhora. Disse que tinha tentado conseguir fundos com o governo para custear algumas despesas, como a banda, e que não tinha obtido êxito. À medida que Dona Fátima ia vendo os casais e pessoas passando ia dizendo "Essa é casada, mas vem dançar um pouco aqui", "Esse é solteiro, tá sempre aqui", "Essa é raparigueira vem paquerar por aqui. É casada e tudo, mas deixa o marido para vir dançar com outro aqui. Tem muito homem que faz isso também, ih, se tem", "Esse só dança com mulher nova", "Esse casal se conheceu aqui e tá junto até hoje". (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2012).

Com sua fala, percebemos uma tipologia de pessoas e constituição de relações que o espaço estabelecia e possibilitava. Havia os senhores e senhoras solteiras que estavam em busca de novas relações. Havia aqueles que se conheceram no forró e estavam juntos desde então. Tinha também os que mesmo casados iam paquerar por ali. Havia senhoras e senhores que tinham a preferência por pessoas mais novas. O espaço trazia a tona

possibilidade de diversão, sedução, descontração, flerte e atividade física, por exemplo. Os arranjos eram inúmeros.

Dona Laura, senhora que havia indicado o forró ao grupo de pesquisa, conversou um pouco sobre um filho com "problema de bebida" e sua filha e neta que moravam em sua casa. O forró era espaço aonde outros assuntos da vida também iam emergindo. Dona Laura ia sempre com um senhor que era seu par de dança, mas esclareceu que não era seu namorado. Dona Laura disse que o grupo de pesquisa deveria ir à associação em dia de sábado, dia esse em que ela vendia bonecas de pano e também panos de prato. Nesse mesmo dia segundo ela, pessoas mais novas frequentavam o forró.

A possibilidade de frequentar esse espaço às terças e sextas-feiras à tarde só era viável porque muitos senhores e senhoras já eram aposentados. Tal recorte e espaço possibilitavam outras experiências que não foram possíveis em uma vida laboral com oito horas por dia, no mínimo. Deveria ser por isso que o sábado era um dia onde o público ficava mais heterogêneo, com pessoas de outras faixas etárias que trabalhavam durante a semana e só podiam disfrutar do espaço no final de semana.

Seu Eudes, assíduo frequentador do forró comentou que ia toda terça e quinta. Morava na Guariroba há mais de quarenta anos e há dez frequentava a associação. Tinha três filhos já adultos e foi sua esposa e filha que o levaram de carro, “mas a velha não gosta de dançar. Não vem comigo de jeito nenhum. Mas não se importa de eu vir e dançar um pouco. Sempre gostei de forró”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2012).

Havia regras quanto ao vestuário e ao comportamento para quem quisesse frequentar o forró. As frequentadoras não podiam ir de camiseta cavada, chinelo, vestido curto, roupas em tecido fino, próximo à transparência. O short antigamente era proibido, mas Dona Fátima, responsável pelo forró, percebia que às vezes muitas mulheres estavam muito mais “bem vestidas” com os shorts do que com os vestidos “minúsculos”. Como Dona Fátima colocou, “Não pode vir de regatas, nem de chinelos. Mulher não pode usar roupa muito curta, nem fica rebolando por aí, se amostrando demais. Não tem bebida, não entra bêbado, a gente não deixa mesmo. Tem que vir banhado”. (Diário de campo de Soraya Fleischer. 2012). Dona Fátima tomou como exemplo um senhor que circulava próximo, “Olha só, calça de paletó, com vinco, bem passado” (ibid). Existia toda uma

etiqueta e moralidade de como se portar nesse espaço, criando então toda uma representação do que vestir e de como ser.

Os arranjos feitos para as danças eram múltiplos. Algumas moradoras do bairro, como Dona Laura, já vinham acompanhados de seus pares. Outras senhoras e senhores tomavam a iniciativa de convidar outro parceiro ou parceira conhecidos previamente ou não, algumas e alguns dançavam sozinhos. Outras senhoras ficavam sentadas em cadeiras, mas como outra senhora casada relatou, não podia dançar por ciúmes do marido.

Outra senhora comentou que era a segunda ou terceira vez que ia ao forró, e que quem a levou foi sua vizinha. A vizinhança servia como uma constante rede de apresentação a novos espaços como forró, igrejas, grupos de ginástica ou oração, que poderiam oferecer serviços públicos ou privados. Essa mesma senhora comentou que gostava muito de dançar e que frequentava outros locais de Brasília, mas o deslocamento até esses espaços era muito complicado e mais caro. Ela então passou a frequentar esse forró que era perto de casa, não tinha bagunça e “o ambiente é familiar”.

\*\*\*

Ao adentrar um espaço e nos atentarmos para a organização espacial do mesmo, não estamos buscando apenas mensurar a que bens aquela família ou pessoa têm acesso. Através das coisas localizadas nos espaços também estamos nos atentando para os diferentes tipos de organizações e relações que podem estar sendo estabelecidas. Era justamente por isso que as fotografias nas estantes, nas prateleiras ou nas paredes eram objetos que chamavam minha atenção.

Em uma das minhas visitas a casa de uma senhora, a mesma começou a falar de sua família, mas não apenas através de nomes ou descrições, ela me pegou pela mão e me levou até a parte da antessala que tinha uma estante reservada para as fotografias dos filhos, netos, bisnetos. Em um momento durante a conversa a mesma foi para dentro de casa e trouxe um álbum de fotos da sua mocidade. Através das fotos desenrolava a saudade do seu corpo antes de ter os filhos, dos cabelos que eram longos e pretos, das cidades em que ia passar férias com o marido. Através das fotografias as pessoas me



levavam para outros espaços. Nesse sentido, não é apenas o espaço que importa, mas as coisas que também estão contidas nele.

A casa foi espaço tratado ao longo do Capítulo Um e deste Capítulo Três, pois se apresentou como fonte de construção de vida, relações, famílias, memórias e afetos. O espaço da casa respondia a demandas que eram feitas pelo corpo social. Como já coloquei, as relações se expandiam e o espaço também. Dona Josefa, depois de toda uma vida de trabalho e cuidado ainda via na casa possibilidades de mudança, melhoria e reparos. Ela não deixava de expandir, planejar, construir e enxergar possibilidades naquela casa.

O espaço da casa foi marcante nesse sentido, pois se apresentava como um desdobramento da migração, dos filhos e das vontades. Quando migraram, a constante busca por um espaço seu era um dos principais dilemas dessa vinda para a capital. Em seguida o espaço se modificava com a chegada de um filho, um neto ou parente. Assim, o espaço teria que ser reorganizado de outra forma para responder a essas demandas. Já as vontades em relação aquele espaço poderiam ser múltiplas. Ele poderia ser o seio da família, poderia ser abrigo para parentes, poderia ser modificado para ser renda e segurança na velhice.

O espaço do forró respondia a demanda de uma população migrante que tinha com esse ritmo uma ligação referente também aos seus estados de origem. Não era à toa que era um forró, dança característica do nordeste brasileiro. Se as terças e quintas o grupo etário era de pessoas com mais 60 anos, no sábado era dia em que jovens também frequentavam o forró. Com Seu Eudes, citado acima, vemos que o espaço do forró duas vezes por semana a tarde só virou uma possibilidade quando aposentado, coisa que também ocorreu com mulheres que em sua mocidade tinham filhos pequenos, trabalhavam fora ou realizavam cuidados dos mais diversos. Se no início da sua vida reprodutiva vimos que essas mulheres que migraram para a Guariroba eram responsáveis pelo cuidado dos filhos, da casa, ou tinham trabalho em outros locais, etc., agora vemos mulheres que podem ser viúvas, separadas ou que apenas gostavam de dançar e viam nesse espaço possibilidade que se apresentou como viável apenas depois dos 60 anos.

Tenho insistido na palavra possibilidade de forma consciente, pois nessa faixa etária existem caminhos que só são possíveis se a vida for trilhada até esse momento.

Como já coloquei, envelhecer não corresponde apenas a um caminho que confere doença ou plenitude. Envelhecer é mais complexo, envelhecer é ser ação.

## Conclusão

No primeiro capítulo, vimos que através da migração as pessoas criavam diferentes estratégias de lidar com o espaço. Havia toda uma experiência que era estabelecida com aquele local, onde as diferentes maneiras de “morar” criavam diferentes formas de viver. Falamos de um contexto em que a capital do país estava sendo construída, mas também de um momento onde as pessoas estavam construindo esse novo espaço e arranjando mecanismos de se estabelecer no mesmo. Mulheres que migraram de sua cidade de origem junto com os filhos que tinham e os novos que vieram e buscaram maneiras de permanecer.

Essas mulheres eram trabalhadoras domésticas ou cuidadoras dos filhos e da casa. Faziam trabalhos como tapetes, panos de prato, lavavam ou passavam roupa para fora ou vendiam balinha. Eram muitas vezes a forma de complementar a renda ou a única forma de renda. Nesse mesmo capítulo discuti minhas trajetórias em campo e como essas trajetórias foram constituintes para como eu mudaria minha percepção do envelhecimento para o envelheceres. Nesse Capítulo Um percebi que o envelhecer deveria ser entendido como relacional e que a partir dessa perspectiva era mais prolífico analisá-lo enquanto processo que não percorre todos os corpos, espaços e tempos de forma homogênea. Após a discussão sobre o envelhecer, vimos que essa experiência não pode ser entendida como homogênea e que poderíamos usar outro aporte além do tempo para caracterizar, pensar e analisar esse processo, poderíamos utilizar o espaço.

Com o passar das páginas, no Capítulo Dois, destrinchamos duas histórias de mulheres que viram o tempo e as relações modificarem o espaço e também seus corpos. Vimos como o estabelecer desses envelheceres não se deu de forma semelhante, mesmo Dona Marília e Dona Josefa morando na mesma rua. Os recortes de classe, gênero, raça e sexualidade (dentre outros) conseguem criar diferentes corpos, conseguem criar diversas formas de envelhecer.

Se por um lado à geração, a migração e o cuidado são coisas que tornam o envelhecer semelhante para as duas; a escolaridade, rede de auxílio e a renda vão criar diferentes corpos que envelhecem dentro dessas semelhanças, diferenças e possibilidades. Não quero com isso apontar que estudar o envelhecer é estudar a diferença, mas a

diferença é o que também marca os envelheceres, não apenas nessa faixa etária, mas também em corpos marcados como “jovens” que também estão em constante envelhecer.

Como já coloquei anteriormente, o tempo importa quando discutimos essas trajetórias e os impactos que o mesmo tem sobre esses corpos. Com os grupos geracionais vimos que apesar de suas semelhanças internas, os agentes estão constantemente atuando de formas diferentes e sendo marcados pelos mais diferentes recortes. Se o tempo foi importante para a discussão dos envelheceres no Capítulo Dois, vemos como o espaço é denominador pelo qual o envelhecer também pode ser entendido no Capítulo Três.

Nesse capítulo discuti principalmente a relação do envelhecer com o espaço. O espaço, assim como o envelhecer e o tempo, foi entendido aqui como dotado de agencia. Tentei elucidar que o espaço da sala de aula também reverberou na forma como eu delinear as discussões que estão presentes nessa monografia. A casa sempre foi um importante ponto de partida para as conversas acerca de outros temas. Como frisei no início do Capítulo Três, essas mulheres se deslocavam por diferentes espaços, dentro do bairro e fora dele. Assim, não era apenas o tempo que importava. Se nos atentarmos apenas para o que as pessoas falam, o tempo pode aparecer como parte constituinte de suas narrativas, mas se nos atentarmos não apenas para o que falam, mas para também o que fazem, vemos como essas senhoras continuam em constante circulação. Por isso decidi trabalhar com dois espaços, de um lado a casa e do outro o forró.

Por serem pessoas com mais de 60 anos, muitas vezes o espaço da casa se apresentava como constituinte do envelhecer, mas ele não era o único. O forró era espaço onde outras relações eram criadas, diferentemente das estabelecidas na casa. No forró, o espaço criava relações ao mesmo tempo em que as relações criavam e recriavam o espaço.

O envelhecer muitas vezes é pensado através de apenas dois ambientes: a casa e o sistema hospitalar. O ponto é que as pessoas que estão envelhecendo não estão apenas nesses espaços. Vimos que Seu Bento, apesar de adoecido, continuava trabalhando em outros locais, indo a outros espaços. Não posso negar que a casa após a aposentadoria se torna um espaço em que é mais possível estar, mas as pessoas não se restringem a esse espaço e tampouco se restringem ao espaço hospitalar. O corpo está em processo de morte desde que nasce e o corpo que envelhece talvez esteja mais suscetível a ação do tempo físico, mas esse corpo que envelhece não é apenas hospitalar.

Se restringirmos os espaços em que se envelhece apenas à casa e ao hospital, estamos corroborando com a ideia de que o envelhecer só acontece ali, sob cuidados, com dependência e circulação limitada. Como coloquei no início do Capítulo Três, se envelhece em vários espaços e em contínua relação com os mesmos. Se envelhece em casa, na academia, na biblioteca, no supermercado, na fila do banco, no forró, na farmácia, no centro de saúde, na padaria, escrevendo uma monografia. Se envelhece sendo ação. Nesse sentido, envelhecemos em consonância com o espaço, com o tempo e as relações que estabelecemos em nossas trajetórias.

## Epílogo

O meu incômodo com a palavra “velho” foi uma das coisas que mais rondavam os diários de campo dos diários de campo que escrevi enquanto analisada os mesmos no início de 2016. Foi só a partir desse material que consegui ver a minha mudança reflexiva em relação ao envelhecimento e a necessidade de uma palavra que não apenas o envelhecimento. Foi então que em um encontro com o Túlio, colega de um grupo de discussão de monografias, que começamos a pensar em uma palavra que extrapolasse o envelhecer. E foi nessa brincadeira de palavras que chegamos ao envelheceres, palavra essa que é a inflexão do verbo envelhecer da pessoa do singular do infinitivo pessoal, que é equivalente a tornar-se velho.

E é justamente esse estado infinitivo, de sempre ter a possibilidade de ser, que caracteriza o envelhecer. Mais uma vez a construção antropológica desse texto foi ampliada pelo diálogo com colegas e em constante contato e auxílio da teoria. E foi assim que nessa trajetória entre campos, interlocutoras, autoras, professoras, teorias, sonhos e escritas que meu corpo também envelheceu. Hoje aos vinte dois anos me lembro do sonho que abre essa monografia e percebo que as temporalidades, espaços e relações também compuseram o meu envelhecer.

## Referências Bibliográficas

APPAADURAI, Arjun. "The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective".

New York: Cambridge University Press. 1986.

[http://townsendgroups.berkeley.edu/sites/default/files/appadurai\\_social\\_life\\_of\\_things\\_0.pdf](http://townsendgroups.berkeley.edu/sites/default/files/appadurai_social_life_of_things_0.pdf)

BATISTA, Carla Gisele. BRITTO DA MOTTA, Alda. "Velhice é uma ausência? Uma aproximação aos feminismos e a perspectiva geracional". Vol.2, N.1 jan. – Abr, 2014

BATISTA, Jéssica Monique. "Cabeça ruim, morrência do braço e perna esquecida. Convivendo e cuidando do derrame na Guariroba, Ceilândia/DF." Monografia apresentada ao departamento de antropologia da Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

BENJAMIN, Walter. "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOURDIEU, Pierre. "A juventude é apenas uma palavra" In: Questões de Sociologia, Marco Zero, Rio de Janeiro, 1983.

BRITTO DA MOTTA. Alda. "A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento". Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.

BRITTO DA MOTTA, Alda. "A Família multigeracional e seus personagens". Educação e Sociedade. Campinas, v. 31, n. 111, p. 435-458, abr.-jun, 2010.

BRITTO DA MOTTA. Alda. WELLER, Wivian. "Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica". Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.

CUNHA, Olívia. "Tempo imperfeito: etnografia do arquivo." Mana (Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, v. 10, n.2, p. 287-322, 2004.

CUNHA, Olívia. CASTRO, Celso. "Quando o Campo é o Arquivo". Estudos Históricos (Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, v.36, p. 3-6, 2005.

DEBERT, Guita Grin. "A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas". GT Cultura e Política. ANPOCS, 1996.

DEBERT, Guita Grin. "Velhice e o curso da vida pós-moderno". Revista USP, São Paulo, n.42, p. 70-83, junho/agosto, 1999.

DIAS, Mônica. "A pesquisa tem "mironga": Notas etnográficas sobre o fazer etnográfico". In: Entre Saias Justas e Jogos de cintura / organizadoras Alinne Bonetti e Soraya Fleischer – Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNIS, 2007.

GAMA, Fabiene, FLEISCHER, Soraya. "Na cozinha da pesquisa: relato de experiência na disciplina "Métodos e Técnicas em Antropologia Social"". Cadernos de Arte e Antropologia. Vol. 5, No 2 | 2016.

GEERTZ, Clifford. O dilema do antropólogo entre "estar lá" e "estar aqui". Cadernos de campo. Vol. 7. Num. 7. 1998.

HEILBORN. Maria Luiza. "Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência". Horizontes Antropológicos. Vol. 8. N.17. Porto Alegre. Junho. 2002.

KOPYTOFF, Igor. "A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo". In: APPADURAI, ARJUN. A vida social das coisas. Niterói:EDUFF, 2008.

KOPYTOFF, Igor. "Ancestrais enquanto pessoas mais velhas do grupo de parentesco na África". Cadernos de Campo - USP. 1991. v. 2012, p. 233-250, 2012.

LEVI-STRAUSS, Claude. "Introdução à obra de Marcel Mauss". in: Mauss, Marcel. Sociologia e Antropologia. SP, Cosac Naif, 2003.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. "A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira". In: Corpo, envelhecimento e felicidade / organização de Mirian Goldenberg – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LOBO. Andréa. "Um filho para duas mães? Notas sobre a maternidade em Cabo Verde". Revista de Antropologia, v. 53, p. 117-1146, 2010.

MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva". in: Mauss, M. Sociologia e Antropologia. SP, Cosac Naif, 2003.

PEIRANO, Mariza. "Lembranças". Mana. v. 14. N.2. Rio de Janeiro. 2008.



SILVA, Kelly. “O poder do campo e o seu campo de poder”. In: Entre Saias Justas e Jogos de cintura / organizadoras Alinne Bonetti e Soraya Fleischer – Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNIS, 2007.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. Em: Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.